

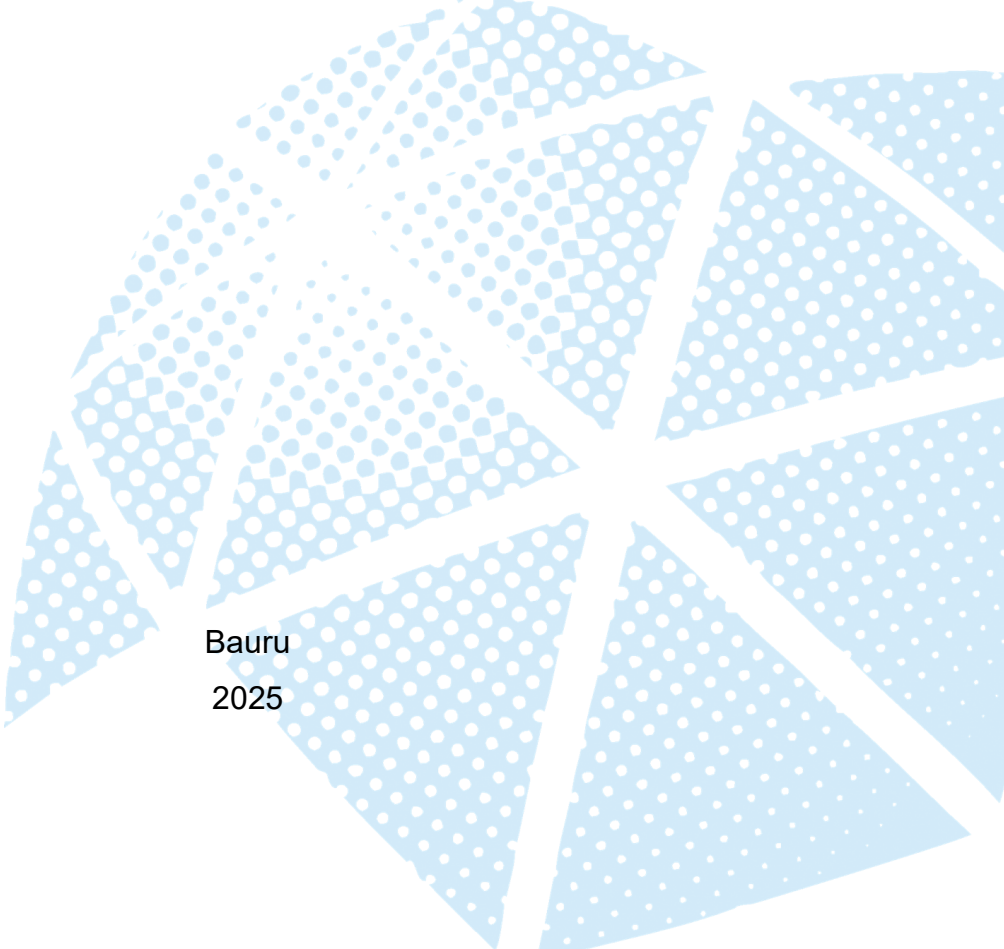
UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA - UNESP
Faculdade de Ciências - Campus de Bauru

Letícia Caroline Garcia

Gênero e Matemática:

O (Des)incentivo à Participação Científica de Mulheres na área de Matemática

Bauru
2025



Letícia Caroline Garcia

Gênero e Matemática:

O (Des)incentivo à Participação Científica de Mulheres na área de Matemática

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentada à Universidade Estadual
Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências,
Bauru, para obtenção do título de
Licenciatura em Matemática.

Orientadora: Prof^a. Associada Maria
Ednéia Martins

Bauru
2025

Garcia, Leticia Caroline.

Gênero e Matemática: O (Des)incentivo à
Participação Científica de Mulheres na área de
Matemática / Leticia Caroline Garcia. - Bauru, 2025
69 f. : il.

Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura -
Matemática)- Universidade Estadual Paulista
(Unesp), Faculdade de Ciências, Bauru
Orientador: Maria Ednéia Martins

1. Gênero. 2. Matemática. 3. Iniciação Científica. 4. Participação Feminina. 5. Ciências Exatas e da Terra. I. Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências. II. Título.

Letícia Caroline Garcia

Gênero e Matemática:

O (Des)incentivo à Participação Científica de Mulheres na área de Matemática

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade Estadual
Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências,
Bauru, para obtenção do título de
Licenciatura em Matemática.

Data da defesa: 02/12/2025

Banca Examinadora:

Prof^a. Associada Maria Ednéia Martins
UNESP - Faculdade de Ciências - Campus de Bauru

Prof. Dr. Guilherme Francisco Ferreira
UNESP - Faculdade de Ciências - Campus de Bauru

Prof.^a Dr.^a Tailine Audília de Santi
UNESP - Faculdade de Ciências - Campus de Bauru

Dedico este trabalho à minha mãe, pelo amor, apoio e incentivo incondicionais, e a todos que, de alguma forma, contribuíram para que eu chegasse até aqui.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela força e sabedoria concedidas ao longo desta caminhada. À minha mãe, pelo amor, paciência e apoio incondicional em todos os momentos, sendo meu maior exemplo de força e dedicação. Ao meu namorado, pelo carinho, incentivo e presença constante, mesmo nos momentos de cansaço e incerteza, cuja compreensão foi fundamental para que eu seguisse firme até a conclusão deste trabalho. À Prof.^a Associada Maria Edneia Martins, pela orientação atenciosa, pela confiança e pelo incentivo constante durante o desenvolvimento desta pesquisa. Sua escuta sensível e seu comprometimento acadêmico foram essenciais para a concretização deste trabalho.

Agradeço também aos colegas e amigos da Licenciatura em Matemática da UNESP – Campus de Bauru, pelo companheirismo e pelas trocas de conhecimento que tornaram essa trajetória mais leve e enriquecedora. À Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, pela formação acadêmica de qualidade e por oferecer um ambiente fértil para meu crescimento pessoal e profissional. Registro, ainda, meus agradecimentos à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), pelo financiamento concedido por meio do processo nº 2025/06551-6, apoio que foi essencial para o desenvolvimento desta pesquisa. Por fim, a todos que, de alguma forma, contribuíram para que este momento fosse possível, deixo aqui minha sincera gratidão.

“Por meio dessa história que vem sendo construída e que tem um longo caminho pela frente, o feminismo nos dá a chance de nos devolver ao nosso tempo, aos nossos pensamentos, ao nosso corpo.”

Marcia Tiburi

RESUMO

Este estudo investigou a participação de homens e mulheres no Congresso de Iniciação Científica (CIC) da Unesp nos últimos cinco anos, com atenção especial às percepções de estudantes mulheres da Licenciatura em Matemática da Faculdade de Ciências, do campus de Bauru. A pesquisa partiu de dados quantitativos que foram analisados em uma perspectiva estatística com elaboração de três gráficos: o primeiro dedicado à área de Ciências Exatas e da Terra, no qual as oscilações de representatividade feminina se mostraram mais expressivas; o segundo abrangendo todas as modalidades de pesquisa relacionadas à Matemática; e o terceiro composto pelos trabalhos selecionados na primeira fase do CIC. A análise desses dados revelou padrões que, embora muitas vezes invisibilizados no cotidiano acadêmico, evidenciam desigualdades persistentes no acesso e na visibilidade da produção científica feminina. Diante desses resultados, tornou-se fundamental compreender como as próprias estudantes vivenciam esse cenário. Para isso, realizou-se uma etapa qualitativa em que, embora apenas duas alunas tenham aceitado participar, seus relatos trouxeram percepções relevantes sobre pertencimento, trajetórias acadêmicas e desafios enfrentados na Iniciação Científica. Suas experiências revelam tensões entre avanços recentes e obstáculos simbólicos, culturais e institucionais que ainda moldam a presença feminina na área. Ao integrar diferentes abordagens metodológicas, esta pesquisa problematiza não apenas os fatores que contribuem para a continuidade da sub-representação feminina, mas também os elementos que fortalecem a permanência das estudantes, como redes de apoio, mentorias e ambientes acolhedores. Os resultados reforçam a urgência de políticas institucionais que ampliem a equidade de gênero e incentivem novas gerações de mulheres a se reconhecerem como agentes legítimas da Matemática.

Palavras-chave: Gênero; Matemática; Iniciação Científica; Participação feminina; Ciências Exatas e da Terra.

ABSTRACT

This study investigated the participation of men and women in the Scientific Initiation Congress (CIC) of Unesp over the past five years, with particular attention to female students enrolled in the Mathematics Teacher Education program at the School of Sciences, Bauru campus. The research was structured around three analytical graphs: the first focused on the field of Exact and Earth Sciences, where fluctuations in female representation proved most expressive; the second examined all research modalities related to Mathematics; and the third analyzed the works selected in the first stage of the CIC, which advance to the institutional phase and may receive awards. These data reveal patterns that, although often overlooked in academic routines, highlight persistent inequalities in women's access to and visibility within scientific production. To deepen the understanding of these quantitative findings, a qualitative stage was incorporated. Although only two students agreed to participate, their narratives offered substantive insights into their experiences of belonging, academic trajectories, and the challenges encountered within Scientific Initiation. Their accounts reveal tensions between recent institutional advances and the symbolic, cultural, and structural barriers that continue to shape female participation in the field. By combining quantitative and qualitative approaches, this study highlights not only the factors that sustain the underrepresentation of women but also the elements that strengthen their academic permanence, such as support networks, meaningful mentorship, and welcoming research environments. The results reinforce the urgency of institutional policies that promote gender equity and encourage new generations of women to recognize themselves as legitimate contributors to Mathematics and Science.

Keywords: Gender; Mathematics; Scientific Initiation; Female Participation; Exact and Earth Sciences.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Representação alegórica dos domínios das duas modalidades de pesquisa	11
Figura 2 – Participação masculina e feminina do curso de Matemática no (CIC) da UNESP, área de Matemática pura e aplicada, campus de Bauru	17
Figura 3 – Participação de estudantes por gênero em todas as áreas de Matemática da UNESP – campus Bauru (2020-2024)	19
Figura 4 – Ganhadores por gênero da primeira fase do CIC na área de Matemática da Unesp – campus Bauru (2020-2024)	20

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	1
1.1 Objetivo geral	4
1.2 Objetivos específicos	4
1.3 Justificativa	4
2 Fundamentação Teórica	5
2.1 Gênero como Categoria de Análise	5
2.2 Estudos e Estereótipos de Gênero na pesquisa em Educação Matemática	7
3 Metodologia e Forma de Análise dos Dados	10
4 Resultados e Discussões	15
4.1 Presença feminina no CIC: números e significados	15
4.2 Barreiras e permanências: o que os números não mostram	21
5 CONCLUSÃO	32
REFERÊNCIAS	34
APÊNDICE A – Roteiro da Entrevista	38
APÊNDICE B – Transcrição da Entrevista da Raquel Barros Reis	39
APÊNDICE C – Transcrição da Entrevista da Giovanna Dias Cardoso	43
APÊNDICE D – TCLE da Participante 1	51
APÊNDICE E – TCLE da Participante 2	54
APÊNDICE F – Carta de cessão da Participante 1	57
APÊNDICE G – Carta de cessão da Participante 2	58

1 INTRODUÇÃO

No ano de 2024, ao realizar uma iniciação científica na área de Matemática Aplicada, enfrentei desafios que iam além da complexidade do conteúdo estudado. As dificuldades também se manifestaram em barreiras comportamentais e estruturais ao longo de todo o percurso. Durante a XXXVI edição do Congresso de Iniciação Científica (CIC) da Unesp, cuja primeira fase ocorreu em setembro de 2024 no campus de Bauru, tive a oportunidade de participar da apresentação de pôsteres.

Estava entusiasmada por integrar um evento de grande relevância acadêmica, no entanto, vivenciei situações que suscitaram questionamentos sobre a equidade de gênero na pesquisa em Matemática. No momento das avaliações, que contavam com três avaliadores por trabalho, percebi um padrão preocupante. Ao meu lado, um aluno pesquisador da área de Matemática recebia dos avaliadores — majoritariamente homens — um tratamento marcado por respeito e admiração. Em contraste, quando avaliavam meu trabalho e o de uma colega pesquisadora, a postura parecia menos engajada e, por vezes, desinteressada. Ao discutir essa percepção com a outra aluna, constatamos que ambas havíamos notado a mesma diferença na abordagem dos avaliadores. Essa disparidade tornou-se ainda mais notória na etapa de premiação, quando, na área de Matemática, os vencedores foram, mais uma vez, dois homens.

Consequentemente, é possível observar que ao longo da história, as mulheres foram sistematicamente excluídas da ciência, enfrentando discriminação e preconceitos que restringiram sua atuação e o reconhecimento de seus trabalhos. De acordo com Carvalho e Casagrande (2011), desde o surgimento do método científico, entre os séculos XVI e XVII, a presença feminina na produção do conhecimento foi severamente limitada. Poucos nomes de mulheres aparecem como referências científicas nesse período, pois eram proibidas de frequentar espaços públicos, acessar bibliotecas, ingressar em universidades e publicar os resultados de suas pesquisas.

Além disso, não lhes era permitido debater em igualdade de condições com seus pares masculinos. Diante dessas barreiras, muitas mulheres produziram conhecimento em laboratórios improvisados dentro de seus lares. Contudo, os resultados de seus estudos frequentemente eram divulgados sob os nomes de pais, irmãos, maridos ou outros representantes masculinos, já que apenas os homens tinham o direito de ser reconhecidos como cientistas. Essas mulheres foram alvo de críticas por desafiar as normas rigidamente impostas à época (Schiebinger, 2001).

O feminismo, enquanto movimento social e político, teve um papel fundamental na luta pelo acesso das mulheres à educação e às universidades, mas sua atuação vai além disso. Segundo Bell Hooks (2018, p.13), em seu livro *O feminismo é para todo mundo*, "feminismo é um movimento para acabar com o sexismo, exploração sexista e opressão". Essa definição ressalta que o feminismo não se limita à busca por direitos individuais, mas se orienta para a transformação estrutural da sociedade, visando à superação das desigualdades de gênero. Desde suas primeiras ondas, o feminismo buscou romper barreiras e garantir que as mulheres tivessem acesso à educação em todos os níveis, reconhecendo-a como um pilar essencial para a equidade de gênero. A luta feminista na educação não se restringe à garantia da presença das mulheres nesses espaços, mas também busca transformar as estruturas acadêmicas e científicas para torná-las verdadeiramente inclusivas e equitativas.

Watanabe (2018), citado por Gaudêncio (2019), menciona uma pesquisa publicada na *Plos Biology* da Universidade de Melbourne, que indica que, apesar dos avanços na igualdade de gênero, a área de Matemática ainda apresenta um número reduzido de mulheres. Isso sugere que a paridade entre os sexos nessa área ainda demandará um longo período para ser alcançada. Essas ideias estão alinhadas com as discussões de Souza e Fonseca (2024), que exploram as interseções entre gênero e Educação Matemática. As autoras discutem como, historicamente, as mulheres foram associadas a funções de cuidado, educação e limpeza, refletindo uma divisão sexual do trabalho que limita sua participação em áreas como a Matemática.

Sob uma ótica marxista, analisam as estruturas sociais que perpetuam tais desigualdades e investigam como práticas pedagógicas, mesmo de forma sutil, podem reforçar estereótipos de gênero. Essas influências impactam a percepção das mulheres em relação à matemática e sua atuação no magistério. Além disso, Souza e Fonseca (2024) sugerem que a área da Matemática não é neutra, mas reflete dinâmicas sociais preexistentes, incentivando reflexões sobre a natureza da Matemática ensinada e praticada, bem como sobre a possibilidade de ela reproduza valores e estruturas que perpetuam desigualdades de gênero. Gaudêncio (2019) destaca que o distanciamento entre homens e mulheres na ciência envolve diversos fatores que favorecem os homens, como promoções, obtenção de bolsas de estudo, ocupação de cargos de chefia ou liderança, além de ganhos salariais.

A autora também aponta que a distribuição desproporcional entre os sexos nas tarefas docentes e de orientação acadêmica na universidade, especialmente na graduação, contribui para as dificuldades enfrentadas pelas mulheres no ambiente científico, reduzindo suas oportunidades de dedicação à pesquisa e à publicação. Considerando esses aspectos, surgiu a necessidade de investigar a relação entre gênero e participação feminina na área de Matemática, analisando possíveis assimetrias e os desafios enfrentados por mulheres na iniciação científica. Essa inquietação motivou a presente proposta, a qual busca contribuir para o debate sobre equidade acadêmica e políticas institucionais que promovam maior inclusão na área.

Este relatório está organizado em breves capítulos. Nesse capítulo 1, denominado Introdução, apresenta-se a motivação para a realização da pesquisa, contempla-se uma revisão bibliográfica inicial relativa à temática gênero e os objetivos da pesquisa. No capítulo 2 delinea-se a fundamentação teórica sobre gênero. As questões metodológicas são abordadas no capítulo 3, argumentando-se quanto à opção pela abordagem quanti-quali na pesquisa com foco em dados estatísticos e fontes orais. No capítulo 4 constitui-se as análises dos dados e os resultados da pesquisa. Finaliza-se o relatório com as considerações finais, as referências e os anexos que contemplam as textualizações das duas entrevistas de História Oral realizadas.

1.1 Objetivo geral

Problematizar como tem sido a participação feminina no Congresso de Iniciação Científica da Unesp, em particular na Faculdade de Ciências, no campo de Matemática, que compõe a área de Ciências Exatas e Terra do referido congresso, nos últimos cinco anos.

1.2 Objetivos específicos

- Mapear a distribuição de gênero nos trabalhos apresentados e premiados na área de Matemática do CIC da Unesp (Bauru) entre 2020 e 2024, através da análise dos anais do evento;
- Registrar e analisar narrativas de estudantes de Matemática sobre suas trajetórias acadêmicas, utilizando a metodologia da História Oral;
- Identificar barreiras simbólicas e institucionais (como estereótipos de gênero e dificuldades materiais) enfrentadas por mulheres durante a iniciação científica;
- Discutir a (in)visibilidade feminina nas Ciências Exatas à luz das teorias de gênero, contribuindo para o debate sobre equidade na universidade.

1.3 Justificativa

A investigação sobre a participação feminina em eventos de uma área é fundamental para compreender como o reconhecimento acadêmico vem sendo construído. Do ponto de vista acadêmico, este estudo contribui para uma ampliação do debate sobre equidade de gênero na ciência, ao articular dados quantitativos relativos à participação feminina e masculina no Congresso de Iniciação Científica da Unesp e dados qualitativos produzidos a partir situações de entrevistas com estudantes do curso de Licenciatura em Matemática, do campus de Bauru. Apesar de existirem estudos nacionais, carecemos de dados locais sobre a realidade específica das alunas de Matemática em Bauru, além disso, este é o campus que eu fiz minha graduação e pude realizar pesquisas em nível de iniciação científica.

A análise dessa questão é essencial para subsidiar políticas institucionais que promovam maior equidade no reconhecimento acadêmico, garantindo que o mérito seja avaliado de forma justa e sem vieses de gênero. Para isso, é essencial diagnosticar realidades locais, e não apenas confiar em estatísticas nacionais gerais e nem mesmo gerais da instituição, uma vez que está se configura como multi campi, estando presente em diversos municípios do estado de São Paulo – da capital, do interior e do litoral - com realidades muito diversas.

Dessa forma, esta pesquisa se justifica pela necessidade de problematizar se há desigualdades no meio acadêmico, em particular no CIC, e contribuir para a construção de um ambiente científico mais inclusivo e igualitário.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Gênero como Categoria de Análise

Compreender o gênero como categoria de análise é fundamental para a presente pesquisa, uma vez que permite interpretar desigualdades que atravessam os espaços acadêmicos e científicos. O conceito de gênero ultrapassa a dimensão biológica, sendo entendido como uma construção social e histórica que organiza as relações entre homens e mulheres, conforme destacam Scott (1995) e Louro (1997). Para Scott (1995), o gênero constitui um sistema de significados e classificações socialmente convencionados, semelhante ao que ocorre na gramática. Assim como as palavras são designadas como masculinas ou femininas por convenção, e não por características inerentes, às distinções entre o masculino e o feminino resultam de construções simbólicas que organizam o pensamento social. Essas classificações não são neutras, pois produzem relações hierárquicas que atribuem maior valor ao masculino e subalternizam o feminino.

Dessa forma, o gênero atua como um princípio estruturante das relações de poder, influenciando a forma como se produzem saberes e se definem pertencimentos nos campos científico e educacional. A preocupação teórica com o gênero como categoria analítica, no entanto, é recente. Scott (1995) observa que essa noção emergiu apenas no final do século XX, estando ausente das principais abordagens de teoria social formuladas entre os séculos XVIII e XX. Embora algumas correntes

tenham tratado da “questão feminina” ou da identidade sexual, não haviam concebido o gênero como uma forma de explicar as relações sociais e simbólicas que sustentam as desigualdades entre homens e mulheres. O surgimento do termo “gênero” no pensamento feminista, portanto, representou uma tentativa de reivindicar um novo terreno conceitual e epistemológico, capaz de evidenciar as limitações das teorias tradicionais para compreender as persistentes desigualdades. Essa emergência coincide com um período de intensa efervescência teórica nas ciências humanas, marcado por uma mudança de paradigma, de um enfoque causal para um enfoque interpretativo, no qual as feministas buscaram inserir o gênero como ferramenta analítica indispensável à compreensão das estruturas sociais.

A partir desse panorama, outras autoras contribuíram para aprofundar a compreensão do gênero como categoria de análise das relações sociais. Saffioti (1987; 2004), uma das precursoras dos estudos feministas no Brasil, destaca que o gênero deve ser compreendido em articulação com outras dimensões da vida social, como classe e raça, pois as desigualdades entre homens e mulheres se expressam de modo diferenciado conforme as condições econômicas e as posições sociais ocupadas. Para a autora, o patriarcado e o capitalismo se interligam, produzindo formas de dominação que naturalizam a subordinação feminina - inclusive nos espaços de produção do conhecimento. No campo educacional, Louro (1997; 2004) amplia essa discussão ao afirmar que a escola é um espaço privilegiado de construção e reprodução das identidades de gênero. Segundo a autora, as práticas escolares e os currículos não são neutros: eles carregam marcas históricas de diferenciação entre o que se espera de meninas e meninos, legitimando determinadas formas de saber e silenciando outras. Assim, a educação se torna um território no qual as desigualdades de gênero não apenas se refletem, mas também são ensinadas e reproduzidas. De forma complementar, Bento (2006; 2014) oferece uma perspectiva contemporânea sobre as relações de gênero ao discutir como os corpos são regulados por normas que produzem e mantêm hierarquias. Para a autora, o gênero constitui um campo político atravessado por disputas de significado, no qual se definem os limites do que é considerado “legítimo” ou “inteligível” socialmente. Ao problematizar a naturalização das diferenças sexuais e questionar as estruturas que as sustentam, Bento (2006; 2014) propõe uma leitura crítica que permite compreender o gênero como um dispositivo de poder que opera na produção das subjetividades e das desigualdades.

Ao articular essas perspectivas, torna-se possível compreender que o gênero opera simultaneamente como categoria de análise e como prática social, influenciando os modos de inserção, reconhecimento e permanência de mulheres na área de Matemática e nas ciências exatas.

Essa abordagem plural situa a presente pesquisa em diálogo com distintas vertentes teóricas, reconhecendo a complexidade e a historicidade das desigualdades de gênero no contexto científico contemporâneo. Assim, pensar o gênero como categoria de análise implica compreender seus efeitos sobre as trajetórias e oportunidades das mulheres na ciência e na Matemática, revelando a complexidade de sua inserção e reconhecimento nesses espaços marcados pela masculinidade.

2.2 Estudos e Estereótipos de Gênero na pesquisa em Educação Matemática

O estudo dos estereótipos de gênero na Educação Matemática é fundamental para compreender como normas sociais e expectativas culturais influenciam a participação e o desempenho de meninas e meninos na disciplina. Pesquisas indicam que a área da Matemática ainda é frequentemente associada a características consideradas masculinas, como objetividade, rigor e habilidade técnica, enquanto capacidades femininas são subestimadas ou invisibilizadas. Compreender esses estereótipos e seus efeitos permite refletir sobre práticas pedagógicas mais inclusivas e evidencia barreiras históricas que impactam o interesse e a trajetória acadêmica das estudantes. Ainda que muitas mulheres tenham sido excluídas da ciência, principalmente das áreas consideradas masculinas, como a Matemática, várias conseguiram romper essa barreira.

Apesar disso, muitas mulheres lutaram pelo direito de estudar e, graças a essas conquistas, hoje no Brasil toda mulher tem o direito de ingressar no curso superior que desejar. No entanto, a desigualdade de gênero ainda é uma realidade global, especialmente em níveis mais avançados de ensino. Conforme aponta Nunes (2021, p. 24), citando o *Relatório da UNESCO IESALC*, em 2014 as mulheres representavam 53% dos graduados e mestres no mundo, mas apenas 44% dos concluintes de doutorado, evidenciando que a desigualdade aumenta conforme o nível de formação acadêmica. Os estereótipos de gênero são concepções pré-concebidas e generalizadas sobre as características e habilidades atribuídas a homens e mulheres.

Os estereótipos de gênero são concepções pré-concebidas e generalizadas sobre as características e habilidades atribuídas a homens e mulheres, impactando a forma como os estudantes percebem suas próprias capacidades em relação à Matemática, bem como a maneira como são percebidos e tratados pelos outros (Cimpian et al., 2016; Eccles, 2007; Else-Quest et al., 2010; Nosek et al., 2009 apud Domingues, 2023).

Além disso, os estereótipos de gênero também influenciam o desempenho acadêmico em Matemática. A exposição a estereótipos negativos, como a ideia de que as mulheres têm menos habilidades matemáticas do que os homens, pode gerar ansiedade e estresse, afetando negativamente a concentração, a resolução de problemas e o raciocínio lógico (Keller, 2007; Osborne, 2007; Spencer et al., 1999 apud Domingues, 2023). Essa ansiedade relacionada aos estereótipos de gênero pode criar uma pressão adicional sobre as estudantes, dificultando seu desempenho real em tarefas matemáticas (Beilock et al., 2010; Jamieson; Harkins, 2007; Pizzie; Kraiger, 2017; Spencer et al., 1999 apud Domingues, 2023).

Não existe nada que comprove, cientificamente, que homens sejam melhores em matemática pelo simples fato de serem homens, e o real fato ligado a essa distância criada entre a matemática e as mulheres está muito mais relacionado ao contexto social em que estão inseridas. [...] As baixas expectativas em relação ao desempenho das meninas em matemática geram insegurança e ansiedade nelas, o que acaba afetando seu desempenho e fazendo-as acreditarem que não são boas e que aquilo não é para elas. (Nunes, 2021, p. 10-11).

Os estereótipos de gênero também podem impactar a escolha de carreira em Matemática. A noção de que a disciplina é mais adequada para os homens pode influenciar as decisões das estudantes em relação às suas trajetórias profissionais (Domingues, 2023). Heck e Pretto (2018, *apud* Dos Santos e De Souza, 2025) sublinham a importância de uma formação docente consciente das questões de gênero, visando promover a equidade e valorizar as competências femininas na Matemática. Os dados apresentados destacam uma crescente procura por qualificação profissional por parte das docentes, o que questiona a narrativa da dominância masculina nas ciências exatas.

Esse movimento não só realça o anseio dessas mulheres por sucesso profissional, mas também evidencia suas habilidades em enfrentar desafios e superar barreiras sociais impostas, sugerindo uma ruptura com o antigo paradigma de

predominância masculina em áreas historicamente vistas como dominadas por homens. Nessa mesma perspectiva, Cordeiro e Barboza (2021), ao mobilizarem o conceito foucaultiano de procedimentos de exclusão interdita como fundamento metodológico, analisam mitos historicamente construídos sobre a relação das mulheres com a Matemática. A análise evidencia discursos permeados por estereótipos e preconceitos, os quais sustentam a ideia de que professores masculinos seriam mais competentes na disciplina, independentemente da experiência acadêmica de docentes femininas.

O estudo busca desmistificar tais percepções e refletir sobre as construções sociais que limitam a participação feminina na área. Corroborando essa discussão, Silveira *et al.* (2023) destacam que o sexismo histórico e social tem restringido a presença feminina na docência de Matemática. Os autores apontam que construções sociais impostas às mulheres também influenciam os espaços que podem ser ocupados por elas, uma vez que ainda são frequentemente julgadas como “mais aptas para áreas ligadas ao cuidado”, o que as desencoraja a atuar em campos considerados “racionais”. Além disso, os autores reforçam a importância de se estudar as relações de gênero na Matemática e de reconhecer as mulheres que fizeram, e continuam fazendo, contribuições significativas, desafiando estigmas e desigualdades perpetuados ao longo do tempo. Assim, essa ideia de que mulheres têm menos habilidades funciona como um enunciado que regula os corpos e produz essa exclusão das mulheres de áreas como a Matemática.

3 METODOLOGIA E FORMA DE ANÁLISE DOS DADOS

O Congresso de Iniciação Científica (CIC) é um evento de pesquisa organizado pela Unesp, via sua Pro-reitoria de pesquisa (Prope) e as Comissões Permanentes de Pesquisa (CPP) de cada unidade. O CIC configura-se como um espaço relevante para circulação das pesquisas em nível de iniciação científica, realizadas nas diferentes unidades da instituição e nas diversas áreas do conhecimento. A Unesp possui também diferentes programas de incentivo à iniciação científica com ou sem bolsas e para participação dos estudantes de graduação em eventos científicos.

O Congresso de Iniciação Científica da Unesp – CIC é uma das principais ações da Política Institucional de Iniciação Científica e Tecnológica da Unesp. O evento é idealizado e promovido anualmente pela Pró-Reitoria de Pesquisa (PROPe) e tem como objetivo criar um espaço de apresentação, discussão e reflexão da pesquisa produzida na Iniciação Científica e Tecnológica, pelos alunos da graduação na Unesp.

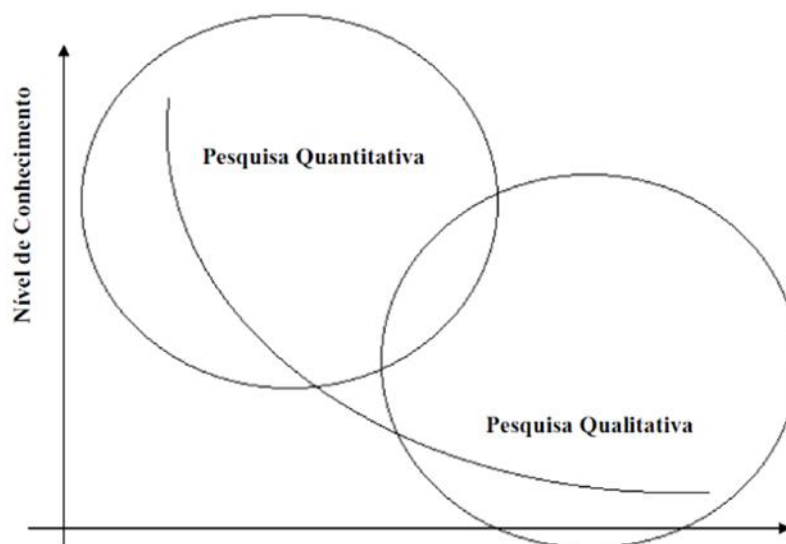
A Coordenação de Iniciação Científica da Unesp tem priorizado um modelo de evento dinâmico e integrativo, no qual é dada autonomia para as Unidades Universitárias realizarem os CIC's locais (1ª Fase), a partir dos quais são indicados os melhores trabalhos para representarem o seu Campus em um evento único, a 2ª Fase do CIC. (Unesp/Prope, s.d., s.p.)

O evento é dividido em duas etapas. A primeira fase ocorre em cada unidade da instituição, onde os alunos apresentam seus trabalhos em sessões de pôsteres ou comunicações orais, sendo avaliados por professores e pesquisadores da área. Já na segunda fase, os trabalhos selecionados na etapa local avançam para o nível institucional, onde concorrem a premiações e menções honrosas. A segunda etapa reúne pesquisas de diversos campus e áreas do conhecimento, ampliando a visibilidade dos projetos e incentivando a excelência acadêmica. O Congresso de Iniciação Científica (CIC) desempenha um papel essencial na motivação dos estudantes a seguirem na carreira acadêmica, oferecendo visibilidade para pesquisas inovadoras e possibilitando o desenvolvimento de habilidades fundamentais, como argumentação científica e comunicação de resultados, contribuindo, assim, para a formação de novas gerações de pesquisadores.

Nesta pesquisa adotamos uma abordagem mista, articulando dados procedimentos de análise quantitativos – a partir da página oficial do evento - e qualitativos a partir de fontes orais.

Conforme Da Silva, Lopes e Júnior (2014), a pesquisa quantitativa depende do conhecimento prévio das dimensões do objeto a ser investigado, de modo a construir instrumentos capazes de contemplar todas as variáveis relevantes, como no caso de escalas de atitude. Contudo, embora essencial para revelar padrões gerais, o enfoque quantitativo não é suficiente para compreender a totalidade da experiência humana. Problemas inéditos ou pouco explorados exigem pesquisa qualitativa, que busca interpretar significados em contextos específicos. O exemplo de um empreendimento inovador, o chamado “restaurante reverso”, em que o cliente prepara a própria refeição — ilustra essa diferença: como não há estudos prévios sobre a satisfação dos clientes em tal situação, seria necessária uma investigação qualitativa exploratória (Creswell; Plano-Clark, 2013). A Figura 1 sintetiza essa distinção, simbolizando os dois domínios: o quantitativo, aplicado a objetos já estruturados, e o qualitativo, voltado a fenômenos novos ou pouco sistematizados (Da Silva; Lopes; Júnior, 2014).

Figura 1 – Representação alegórica dos domínios das duas modalidades de pesquisa.



Fonte: Silva e Simon (2005, p. 12)

Do ponto de vista metodológico, Bauer, Gaskell e Allum (2008) destacam que a pesquisa quantitativa se fundamenta em explicações matemáticas e modelos estatísticos. Essa abordagem permite identificar indicadores e tendências, fornecendo dados objetivos e representativos (Mussi et al., 2020). Além disso, como apontam Jones (2007) e Queiroz (1999), o enfoque quantitativo privilegia a análise isolada dos

componentes, mensurando a frequência e intensidade dos fenômenos. Ainda que fundamental para revelar padrões, o determinismo mecânico nem sempre é suficiente para compreender a complexidade da experiência humana. Nesse sentido, a investigação não deve se restringir à testagem de hipóteses, mas considerar múltiplas possibilidades diante de problemas reais.

Assim, nessa pesquisa, no âmbito quantitativo, analisou-se a participação de homens e mulheres no Congresso de Iniciação Científica (CIC) da Unesp, especificamente na área de Matemática, da Faculdade de Ciências, campus de Bauru, considerando os anais publicados entre 2020 e 2024. Os anais, disponibilizados em plataformas distintas a cada edição, foram examinados por meio de filtros sucessivos. Primeiramente, selecionou-se a modalidade “Ciências Exatas e da Terra” e a área temática “Ciências Exatas – Matemática”, contemplando apenas trabalhos de Matemática Pura e Aplicada vinculados ao campus de Bauru. Em seguida, aplicou-se um segundo filtro destinado a identificar a participação de homens e mulheres no período analisado. Posteriormente, com o objetivo de identificar quais estudantes foram aprovados na primeira fase do CIC entre 2020 e 2024, realizou-se uma nova filtragem abrangendo todos os trabalhos relacionados à Matemática, independentemente da modalidade. A partir desses dados, elaborou-se um gráfico comparativo entre a participação por gênero e os resultados da primeira fase, destacando-se que toda a análise se refere exclusivamente ao curso de Matemática da Unesp de Bauru.

Assim, a pesquisa quantitativa contribui para compreensão da presença e/ou influência de variáveis isoladas ou associadas, oferecendo suporte estratégico para a formulação e avaliação de políticas públicas. Nessa perspectiva, a informação científica, frequentemente, assume a forma de quantificação, mesmo reconhecendo que “ordem e regularidade só podem ser estabelecidas, de forma aproximada” (Minayo; Sanches, 1993, p. 241).

Já a etapa qualitativa desta pesquisa foi planejada para aprofundar os achados quantitativos. Segundo Flick (2002), a pesquisa qualitativa analisa casos concretos em suas particularidades locais e temporais, considerando as expressões e atividades dos sujeitos em seus contextos de vida. Segundo Minayo e Sanches (1993), a abordagem qualitativa busca compreender o significado das experiências vivenciadas

pelos participantes em contextos específicos, considerando a articulação entre seus diversos componentes na formação do todo. Assim, este estudo adotou a abordagem qualitativa, voltada a captar as percepções das participantes mulheres que desenvolveram projetos de Matemática pura ou aplicada e apresentaram seus trabalhos no CIC durante os cinco anos analisados quantitativamente.

Segundo Lüdke e André (2018), esse tipo de investigação caracteriza-se como “naturalístico”, por ocorrer no ambiente real dos sujeitos, sem manipulação intencional do pesquisador. Nessa mesma direção, Bogdan e Biklen (1982) destacam que a pesquisa qualitativa envolve contato direto com a situação estudada, priorizando o processo mais do que o produto e retratando a perspectiva dos participantes. Para isso, inspiramo-nos na História Oral, uma metodologia que possibilita a constituição de narrativas a partir de entrevistas, impactando não apenas a coleta, mas também a análise dos dados. Pela História Oral produz-se fontes originais - registros que já nascem com a intenção de serem documentos (Holanda; Meihy, 2007).

Para a realização das entrevistas, foram feitos contatos com possíveis participantes a partir dos levantamentos realizados na primeira fase da pesquisa. Com base nessas informações, elaborou-se um roteiro-guia para orientar a condução das entrevistas. Paralelamente, o projeto de pesquisa foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa, via plataforma Brasil. Após o aceite do convite, foram definidos a data, o horário e o link do Google Meet para a gravação, ocasião em que foi apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e foi explicado todo o processo da pesquisa. Nesse documento, constam os objetivos e etapas da pesquisa, bem como a possibilidade de desistência da participação a qualquer momento antes da finalização da dissertação. Todas as dúvidas foram esclarecidas pela pesquisadora, e uma via do termo ficou com as entrevistadas, enquanto a outra permaneceu arquivada com a pesquisadora responsável. As participantes puderam optar entre utilizar seu nome real, criar um codinome ou autorizar a pesquisadora a propor um. Essa escolha foi respeitada em função da individualidade e subjetividade de cada uma, sendo-lhes explicada a relevância do nome próprio para o fortalecimento da pesquisa – sendo que ambas aceitaram manter seus nomes reais e permitiram que suas falas fossem citadas diretamente, o que garante o respeito à autoria e à legitimidade de suas vozes.

A opção pelas entrevistas de forma remota, por meio do Google Meet, com datas e horários previamente agendados conforme a disponibilidade das participantes, se deu para facilitar o contato e viabilizar a participação das alunas que, por conta de suas demandas individuais, teriam maior dificuldade de escolher um local para nos receber presencial. Antes da produção das narrativas, foi realizado um momento de acolhimento das entrevistadas, no qual se apresentou a pesquisa e se esclareceu seu objetivo, registrou-se experiências e trajetórias no curso e na pesquisa em Matemática – buscando uma aproximação, além de discutir os aspectos éticos da participação, incluindo o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e a solicitação de autorização para gravação das entrevistas e os processos de transcrição, textualização e carta de cessão de direitos sobre a entrevista e textualização.

As entrevistas foram transcritas de forma literal com o auxílio de software de Inteligência Artificial. A partir das transcrições, procedeu-se à textualização, que consistiu na edição dos relatos para exclusão de vícios de linguagem, repetições e reagrupamento de parágrafos temáticos, quando necessário. As versões textualizadas foram submetidas à aprovação das entrevistadas, que puderam solicitar ajustes e, após concordarem com o texto final, assinaram a carta de cessão de direitos.

Neste estudo, foram realizadas duas entrevistas com alunas que aceitaram participar: à participação no CIC no ano de 2020 e outra no ano de 2024. As textualizações destas entrevistas encontram-se como anexo a este relatório. As únicas participantes dos CIC dos anos 2021 e 2022 não responderam ao convite, enquanto 2023 foi desconsiderado em razão da inexistência de participação feminina na área investigada nesse período. As entrevistas ocorreram no dia 08/09/25, via google meet, sendo a primeira às 9h e a segunda às 15h.

Conforme Goldenberg (2011), é fundamental que as perguntas elaboradas estejam alinhadas aos objetivos da pesquisa, sejam claras e não induzam respostas, contemplando diferentes perspectivas. Essa etapa qualitativa, portanto, buscou ampliar as vozes dessas alunas, interpretando seus relatos e experiências, de modo a iluminar os resultados quantitativos e revelar nuances que os números, sozinhos, não captam.

Apesar da histórica disputa epistemológica entre as metodologias quantitativa e qualitativa, tal oposição pode limitar o avanço científico. Richardson (2011, p. 79) argumenta que “existem problemas que podem ser investigados por meio de metodologia quantitativa, e há outros que exigem diferentes enfoques e, consequentemente, uma metodologia de conotação qualitativa”. Nesse mesmo sentido, Minayo (2012) ressalta que a construção do conhecimento se fortalece quando dados numéricos e interpretações qualitativas se articulam.

A escolha pela abordagem mista nesta pesquisa baseia-se na compreensão de que os métodos qualitativos e quantitativos não se excluem, mas se complementam. Como destaca Goldenberg (2011), a combinação de metodologias permite um cruzamento de dados, aumentando a confiabilidade das conclusões ao integrar tanto os aspectos mensuráveis quanto as experiências subjetivas dos indivíduos. Essa integração se alinha ao conceito de “triangulação”, defendido por Flick (2012), que propõe a utilização de diferentes fontes e métodos para enriquecer a compreensão sobre o objeto de estudo. Nesse sentido, o levantamento quantitativo forneceu indicadores objetivos sobre a participação de homens e mulheres nos anais do CIC, revelando padrões, frequências e tendências. Em complemento, a pesquisa qualitativa, conforme Lüdke e André (2013), buscou compreender as percepções das participantes em seus contextos naturais, sem intervenções externas que pudessem distorcer o processo. Dessa forma, a integração entre a análise estatística e a História Oral enriqueceu a investigação, possibilitando uma leitura mais densa, crítica e sensível da realidade estudada. Enquanto os números delinearam tendências e desigualdades estruturais, as narrativas revelaram significados, motivações e percepções que ajudam a compreender como essas desigualdades são experimentadas e interpretadas pelas próprias participantes.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 Presença feminina no CIC: números e significados

A partir da fundamentação teórica apresentada, que evidencia as desigualdades estruturais entre homens e mulheres no campo científico, buscou-se analisar a participação feminina na iniciação científica em Matemática, no contexto da Universidade Estadual Paulista (UNESP), campus de Bauru. Os dados foram obtidos

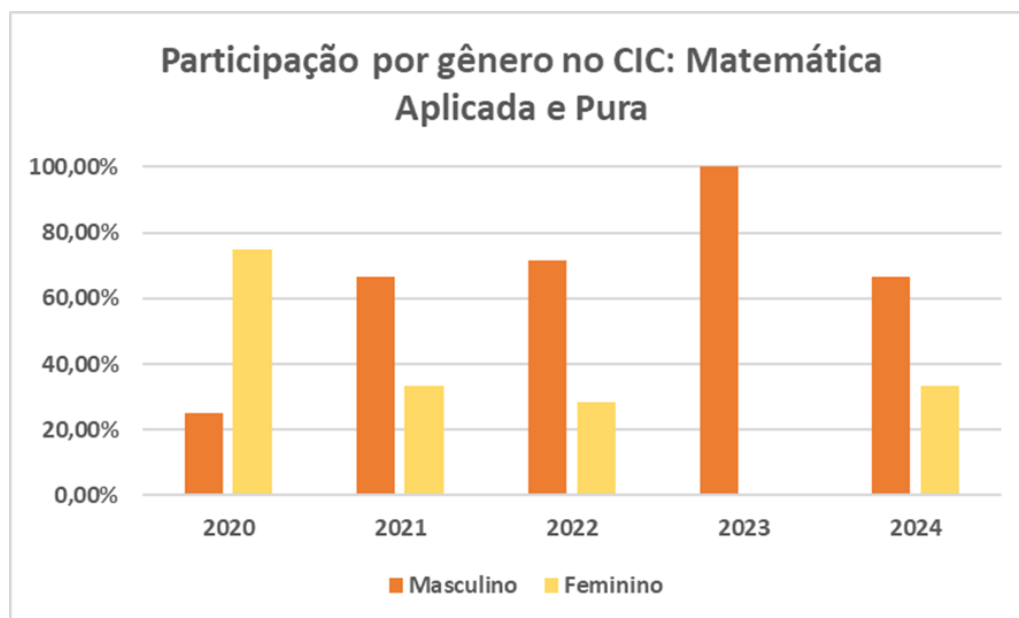
por meio de levantamento realizado diretamente nos Anais oficiais do Congresso de Iniciação Científica (CIC) da UNESP, referentes ao período de 2020 a 2024, disponíveis nos sites das respectivas edições do evento (<https://www.even3.com.br/anais/xxxiicicunesp/>;
<https://www.even3.com.br/anais/xxxiicicunesp/>;
<https://www.even3.com.br/anais/xxxiicicunesp/>;
<https://eventos.reitoria.unesp.br/anais/xxxvcicunesp/>;
<https://eventos.reitoria.unesp.br/anais/xxxvcicunesp/>).

Para a coleta dos dados, foi necessário acessar individualmente cada um desses ambientes digitais e aplicar a filtragem pela modalidade “Ciências Exatas e da Terra”, selecionando, em seguida, a área temática “Matemática”.

Posteriormente, realizou-se uma nova triagem a fim de identificar as publicações na área da Matemática Pura e Aplicada vinculadas ao curso de Licenciatura em Matemática da UNESP, campus de Bauru. Foram excluídas as produções referentes ao PIBIC Júnior e a outras modalidades de ensino não superior, de modo que a análise contemplasse exclusivamente trabalhos de estudantes de graduação. Ressalta-se que o processo de identificação foi conduzido manualmente, uma vez que nem todos os registros apresentavam, de forma explícita, o curso de origem das(os) autoras(es). Nesses casos, a confirmação do vínculo com a Licenciatura em Matemática foi realizada por meio da consulta aos currículos Lattes das(os) orientadoras(es) e, quando disponível, das(os) próprias(os) estudantes, bem como pela verificação das informações constantes no cabeçalho dos anais, nos quais frequentemente constava o departamento de vínculo dos autores, em especial o Departamento de Matemática da Faculdade de Ciências (FC), campus de Bauru.

A partir dessa filtragem, foi elaborado o Figura 2, que apresenta a distribuição de participantes por gênero nas publicações em Matemática Aplicada e Pura. Essa organização permite observar a presença feminina e masculina em diferentes subáreas e compreender como as desigualdades de gênero se expressam dentro do campo matemático.

Figura 2 – Participação masculina e feminina do curso de Matemática no (CIC) da UNESP, área de Matemática Pura e Aplicada, campus de Bauru.



Fonte: Elaborado pela autora (2025)

O gráfico revela um cenário de oscilações na participação feminina na produção científica da área de Matemática, com destaque para um crescimento expressivo em 2020. Esse aumento pode ser interpretado como um reflexo do contexto pandêmico, que trouxe à tona temas de forte impacto social e coletivo, muitos dos quais dialogam diretamente com questões de cuidado, educação e bem-estar, áreas frequentemente associadas às experiências femininas e às preocupações dos estudos de gênero. Entretanto, o ano de 2023 chama a atenção por registrar nenhuma participação feminina na área de Matemática Pura ou Aplicada. Esse dado, embora não represente ausência total de atuação científica por parte das alunas, pode indicar uma migração dessas estudantes mulheres para áreas como a Educação Matemática, mais alinhada às Ciências Humanas.

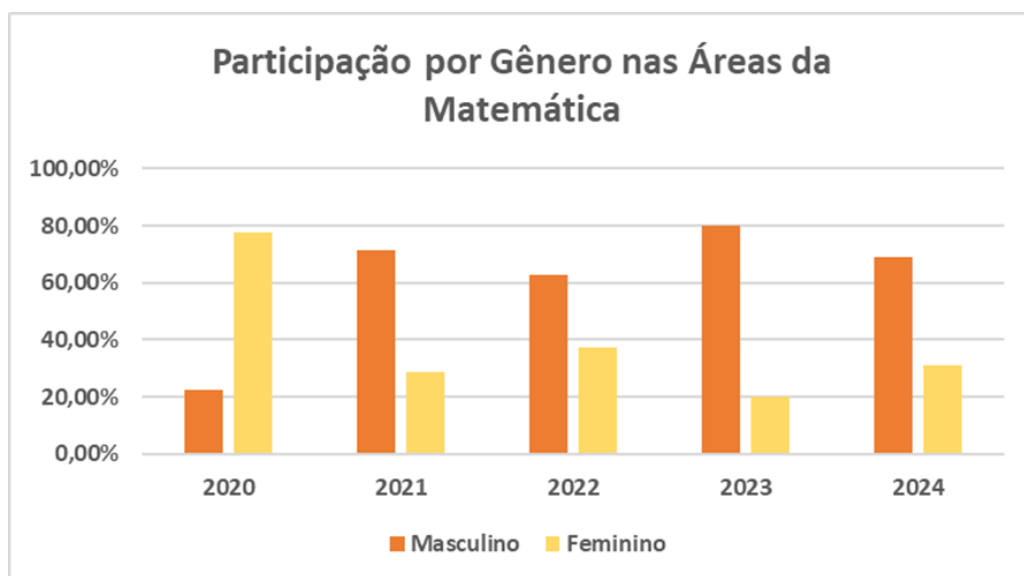
Tal movimento pode ter sido influenciado pela maior presença masculina no ano anterior (2022), visto que, estas estudantes, muitas vezes condicionadas, desde a formação básica, a se sentirem menos aptas ou menos confiantes em relação à Matemática. Ainda que todos desempenhem suas atividades com excelência, observa-se que a valorização da participação masculina tende a ocorrer de forma mais imediata. Esse movimento simbólico gera a percepção de que, por vezes, pequenas

ações realizadas por estudantes homens são suficientes para receber maior reconhecimento, sobretudo em contextos nos quais o incentivo institucional se direciona de maneira mais intensa a eles. Ainda assim, os dados indicam que, apesar de avanços pontuais, a permanência das mulheres nas Ciências Exatas segue fortemente condicionada por barreiras estruturais. A leve retomada da participação feminina observada em 2024 pode sugerir um novo fôlego; entretanto, também evidencia a necessidade de ações efetivas para ampliar o acesso, a permanência e a valorização das mulheres na produção científica da área de Exatas. Essa dinâmica reafirma que a trajetória feminina nesse campo continua marcada por desigualdades históricas, conforme apontam autoras como Fernandes (2006) e Saffioti (1979), que discutem a persistente masculinização da Matemática e das carreiras em Ciências Exatas.

Em seguida, para ampliar a compreensão sobre a participação feminina e masculina na Matemática, foi elaborado um segundo gráfico abrangendo todas as subáreas do campo — Educação Matemática, Matemática Aplicada e Matemática Pura. O levantamento seguiu os mesmos critérios metodológicos adotados no gráfico anterior, acrescentando-se a filtragem pela modalidade “Ciências Humanas”, pela área temática “Educação” e pelo curso de Licenciatura em Matemática da Unesp – campus de Bauru. Esse novo levantamento foi necessário, pois percebemos que alguns trabalhos com temática mais próximos da Educação Matemática às vezes estavam publicados na área de Ciências Exatas e da Terra, mas outros não – uma vez que conhecíamos alguns dessas pesquisas – levando-nos a ampliar o levantamento para a área Ciências Humanas do CIC.

A Figura 3 apresenta, assim, a distribuição geral de gênero nas diferentes subáreas matemáticas entre 2020 e 2024, permitindo uma visão mais ampla da participação feminina. Essa abordagem torna possível identificar padrões que não emergiriam a partir da análise isolada de cada subárea, contribuindo para uma leitura mais consistente das desigualdades estruturais presentes na produção científica em Matemática.

Figura 3 – Participação de estudantes por gênero em todas as áreas de Matemática da UNESP – campus Bauru (2020–2024)

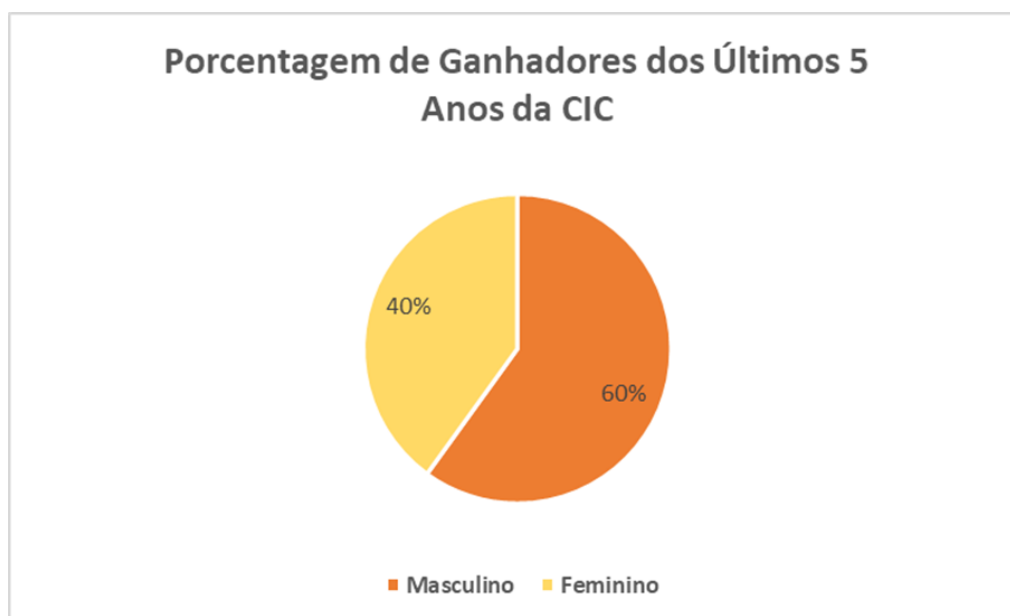


Fonte: Elaborado pela autora (2025)

A análise da proporção de participação por gênero na primeira fase do CIC, no período de 2020 a 2024, indica que, considerando todos os trabalhos investigados em todas as modalidades que abrangem a área de Matemática, 40% dos inscritos era mulheres e 60% era homens (Gráfico 3). Essa proporção, embora apresente oscilações ao longo dos anos, mantém uma tendência geral de predominância masculina.

Observa-se, ainda, que a mesma distribuição se reproduz entre os vencedores do primeiro lugar, indicando que a disparidade inicial no número de participantes já se reflete diretamente nos resultados. A Figura 4 ilustra essa dinâmica:

Figura 4 – Ganhadores por gênero da primeira fase do CIC na área de Matemática da Unesp - campus Bauru (2020-2024)



Fonte: Elaborado pela autora (2025)

A Figura 4 apresenta o levantamento dos(as) ganhadores(as) da primeira fase que obtiveram o primeiro lugar no curso de Licenciatura em Matemática do campus de Bauru, considerando os últimos cinco anos analisados do CIC. O levantamento contempla os premiados em quaisquer modalidades vinculadas à área de Matemática, com dados obtidos tanto no site oficial do evento quanto no site da Faculdade de Ciências (FC) da UNESP – campus de Bauru. Embora esse resultado possa indicar que o processo de premiação não apresenta discriminação explícita de gênero, a menor presença feminina nas inscrições evidencia a persistência de barreiras estruturais que limitam a participação e o reconhecimento das mulheres na produção científica em Matemática (Saffioti, 1979; Fernandes, 2006).

Embora as mulheres representem uma parcela significativa das apresentações, apenas 40% das premiações foram concedidas a pesquisadoras, considerando todas as modalidades existentes na área de Matemática, enquanto 60% foram destinadas a homens, indicando uma possível assimetria nos critérios de valorização da produção científica. Esse padrão pode estar relacionado a diversos elementos: a forma como a produção científica feminina é percebida e legitimada, a valorização de determinados estilos de comunicação ou apresentação, e a própria composição das bancas avaliadoras, historicamente marcadas por normas e expectativas masculinas

(Beauvoir, 1980; Scott, 1995). Assim, mesmo quando a qualidade dos trabalhos é equivalente, a visibilidade e o destaque conferidos às mulheres continuam sendo, historicamente, menores, o que evidencia que os processos de avaliação não são plenamente neutros, uma vez que carregam expectativas, valores e critérios implícitos que tendem a favorecer trajetórias masculinas. No entanto, ressalta-se que, no contexto específico do Congresso de Iniciação Científica da UNESP, não foi possível identificar, a partir das informações disponíveis nos anais oficiais acessados, a composição das comissões avaliadoras quanto ao gênero de seus membros. Dessa forma, não se dispõe de dados que permitam afirmar se houve predominância de avaliadores homens ou mulheres nas edições analisadas, configurando-se tal aspecto como uma limitação da presente pesquisa.

A suposta objetividade que orientaria decisões acadêmicas se apoia em padrões de prestígio construídos socialmente, nos quais a Matemática permanece associada a um ideal de excelência ainda marcado pelo masculino. Dizer, portanto, que há “equidade real” quando participação e premiação coincidem é ignorar que tais resultados são moldados por desigualdades estruturais anteriores, diferenças de incentivo, formação, confiança, apoio institucional e legitimidade simbólica. Essas desigualdades de base não desaparecem no momento da avaliação; ao contrário, são justamente elas que tornam inviável qualquer pretensão de “neutralidade”. A noção de neutralidade, nesse contexto, revela-se problemática: ela opera como se bastasse aplicar critérios formais iguais para todos, quando as condições de partida são profundamente desiguais. A neutralidade não corrige desigualdades; ela apenas torna invisíveis suas causas e efeitos. Por isso, promover equidade exige ir além da aplicação mecânica de critérios pretensamente objetivos: implica reconhecer a historicidade desses critérios e enfrentar os fatores sociais que continuam limitando a permanência, a visibilidade e o reconhecimento acadêmico das mulheres.

4.2 Barreiras e permanências: o que os números não mostram

A etapa de história oral teve como objetivo compreender as experiências formativas de alunas do curso de Licenciatura em Matemática da UNESP – campus de Bauru, participantes do Congresso de Iniciação Científica (CIC) nos últimos cinco anos, na modalidade “Ciências Exatas e da Terra” e na área temática “Matemática”.

Considerando que não houve participação feminina nessa área em 2023, foram selecionadas alunas de anos anteriores. O convite para participação foi enviado a todas as candidatas elegíveis, sendo que apenas duas responderam afirmativamente, enquanto as demais não se manifestaram, sendo entendido que optaram por não participar. Optou-se por direcionar a análise às estudantes que desenvolveram pesquisas em Matemática Pura e Matemática Aplicada, uma vez que essas subáreas apresentam as maiores oscilações e disparidades de gênero ao longo do período analisado, conforme evidenciado na Figura 2.

Diferentemente da Educação Matemática, situada no campo das Ciências Humanas e tradicionalmente associada a uma maior presença feminina, em decorrência de construções sociais e estereótipos de gênero que vinculam as mulheres a áreas relacionadas ao cuidado, à formação e às relações humanas, as áreas da Matemática Pura e Aplicada revelam um cenário de participação feminina mais reduzida e instável. Estudos de Lombardi (2006), Hirata (2002) e Kergoat (2009) evidenciam que a divisão sexual do trabalho se reproduz também no campo científico, contribuindo para a feminilização de determinadas áreas do conhecimento, como as Ciências Humanas e a Educação, ao passo que as Ciências Exatas permanecem historicamente masculinizadas. Corroborando essa perspectiva, relatórios da UNESCO (2018) indicam que as mulheres estão majoritariamente concentradas nas áreas de Educação, Saúde e Ciências Humanas, enquanto permanecem sub-representadas nas Ciências Exatas e Tecnológicas. Nesse sentido, Rossiter (1993) aponta que tal segregação não se manifesta apenas no acesso, mas também no reconhecimento e na permanência das mulheres na ciência, o que contribui para a compreensão das assimetrias observadas entre os diferentes campos da Matemática. Dessa forma, a decisão de focalizar esse grupo visa aprofundar a compreensão sobre como essas desigualdades se manifestam e quais fatores contribuem para a persistente sub-representação de mulheres nas subáreas matemáticas consideradas.

As entrevistas foram conduzidas a partir de um roteiro estruturado (Apêndice A), permitindo que as participantes narrassem suas experiências a partir de suas memórias e trajetórias formativas. Conforme Meihy e Holanda (2007), a história oral valoriza justamente a memória como fonte de conhecimento social e cultural, reconhecendo que as narrativas individuais produzem sentidos sobre o passado e

revelam como experiências vividas são interpretadas à luz de contextos sociais e históricos.

As memórias narradas fornecem subsídios para analisar questões de gênero na Matemática, evidenciando como desigualdades estruturais e representações simbólicas se manifestam na formação universitária e influenciam a percepção sobre o pertencimento feminino na área. As trajetórias das alunas entrevistadas revelam como as experiências pessoais e escolares desempenham papel determinante na escolha e permanência no curso de Licenciatura em Matemática.

Raquel Barros Reis, por exemplo, destacou a importância de referências pedagógicas em sua decisão de seguir a carreira docente:

No ensino médio, porém, tive uma professora de matemática que me marcou muito pela forma como explicava os conteúdos, e isso me inspirou bastante. Acho que o principal é que eu sempre tive uma visão muito desenvolvida sobre o ser professor. Sempre respeitei muito os professores e sempre achei que essa é uma das profissões mais bonitas que existem, porque acredito que o professor tem a capacidade de transformar vidas [...].

Essa fala evidencia como o contato com professoras inspiradoras pode constituir um elemento formativo decisivo, despertando a identificação e o desejo de seguir a docência. Nesse sentido, conforme Saffioti (1979) e Fernandes (2006), a presença de modelos femininos positivos é essencial para romper o ciclo de invisibilidade das mulheres em campos tradicionalmente masculinos, como a Matemática. A docente mencionada por Raquel torna-se, assim, uma figura de mediação simbólica, que valida a presença feminina na área e reconfigura as possibilidades de futuro profissional.

De modo semelhante, Giovanna Dias Cardoso descreve como o interesse por ensinar Matemática emergiu de situações cotidianas de colaboração entre colegas:

Durante o Ensino Médio, percebi que ajudava bastante os colegas de sala com Matemática [...] Eu me destacava em Matemática, apesar de ser da galera do fundo. Eu meio que ajudava o pessoal do fundo em Matemática e acabei gostando disso. Percebi que gostava de ensinar, e gostava de ensinar Matemática especificamente.

O relato de Giovanna expressa o caráter relacional e coletivo da aprendizagem, que se conecta à construção de uma identidade docente desde a educação básica. Ao relatar essa experiência, a aluna revela também que o gosto pela Matemática não

se desenvolveu em isolamento, mas a partir de práticas de partilha e cooperação, desafiando o estereótipo da genialidade individual frequentemente associado ao masculino na cultura matemática (Louro, 2006).

As trajetórias das participantes também evidenciam que a decisão pela Matemática nem sempre é linear. Raquel narra seu percurso de experimentação em outras áreas, até consolidar o interesse pela pesquisa:

Quando comecei o curso, o meu objetivo era lecionar no ensino médio. Eu tinha essa imagem do professor como alguém que transforma a vida do aluno, e isso me atraía muito. No entanto, com o passar do tempo, percebi que também me interessava bastante pela área da pesquisa.

Essa fala demonstra um amadurecimento da identidade profissional, em que a docência e a pesquisa deixam de ser vistas como esferas opostas e passam a se articular como dimensões complementares da formação acadêmica.

Giovanna, por outro lado, evidencia as condições materiais e emocionais que permeiam o ingresso e a permanência de estudantes mulheres no ensino superior público:

O primeiro ano foi bem corrido. Eu trabalhava no comércio, das 8h às 18h. A van me pegava na porta da loja e me trazia para a UNESP, e eu chegava em Jaú por volta da meia-noite [...] Sinto que foi o ano mais difícil, porque, além de me adaptar à faculdade, eu tinha a questão do trabalho [...] Isso acabava sendo pior para mim.

O relato de Giovanna revela como o ingresso de mulheres na universidade não se dá de forma homogênea e como desigualdades socioeconômicas podem restringir as oportunidades de envolvimento acadêmico. A estudante ainda relata que o desejo de participar da Iniciação Científica surgiu durante a Semana da Licenciatura em Matemática (SELMAT), mas esbarrou em limitações financeiras:

Os veteranos comentavam sobre essa possibilidade, mas sempre associada à proibição de trabalhar [...] E eu não tinha como parar de trabalhar para tentar uma bolsa, pois haveria o tempo do aceite até eu conseguir a bolsa.

Essas narrativas permitem compreender que o acesso à pesquisa científica não depende apenas da motivação individual, mas também de condições estruturais e institucionais que afetam de forma diferenciada as trajetórias femininas. Como

destacam Saffioti (1979) e Scott (1995), a desigualdade de gênero se manifesta não apenas nas representações simbólicas, mas também nas condições concretas de produção e participação científica.

As experiências de Raquel e Giovanna com a Iniciação Científica revelam trajetórias distintas, mas igualmente marcadas por desafios e descobertas, evidenciando como a inserção das mulheres na produção científica em Matemática está atravessada por escolhas pessoais, oportunidades institucionais e redes de apoio.

Raquel relata seu primeiro contato com a pesquisa acadêmica:

Minha primeira iniciação científica foi na área pedagógica. Eu queria ter certeza se queria mesmo seguir pela matemática aplicada, então pensei: 'Vou tentar essa primeira pesquisa e ver o que eu acho'. Gostei muito, mas percebi que não era algo com que eu me via trabalhando para o resto da vida.

Essa fala evidencia um processo de experimentação próprio da formação universitária, no qual a escolha de uma área de pesquisa não é linear e envolve reflexão sobre identidade profissional. Raquel prossegue narrando sua segunda experiência:

Depois, fiz outra iniciação científica, desta vez na área de Álgebra — uma matéria que eu adoro. E eu amei. Foi uma sensação de descoberta, de pensar 'por que não fiz isso antes?'. Tive medo no início de não gostar dessa parte mais aplicada da Matemática, mas quando percebi que era exatamente o que eu gostava, decidi continuar pesquisando nessa área.

A narrativa mostra como o contato direto com a prática da pesquisa pode consolidar interesses acadêmicos e profissionais, além de revelar que as alunas precisam superar inseguranças iniciais, muitas vezes intensificadas por contextos institucionais que não estimulam de forma consistente a pesquisa. Raquel mesma aponta:

Percebi que, de modo geral, na UNESP há pouco incentivo à pesquisa. Quando entrei, mesmo naquela reunião inicial para os ingressantes, não senti que havia um incentivo real, nem para as áreas aplicadas, nem para a pesquisa.

Esse comentário permite refletir criticamente sobre a carência de políticas institucionais de incentivo à pesquisa, que pode impactar especialmente mulheres e outros grupos sub-representados, reforçando barreiras estruturais à sua inserção na produção científica.

Raquel também destaca a importância de mentorias e redes de apoio, especialmente em momentos de transição ou dúvidas quanto à área de atuação:

Foi nesse período que conheci a professora Maria Edneia, ainda na época do ensino remoto, quando participei do PIBID. Foi uma época complicada, pois as apresentações eram todas online. A professora Maria Edneia coordenava o PIBID e, por meio dela, surgiu a oportunidade de eu fazer uma iniciação científica. Aceitei, mesmo estando em dúvida sobre seguir na área da educação ou na aplicada. A experiência com a Maria Edneia foi incrível. Sinto que mudei muito durante essa pesquisa, porque antes eu não dava tanta atenção às disciplinas da área da educação. Com a iniciação científica, precisei olhar com mais cuidado para elas — e isso transformou a minha forma de enxergar o mundo. Eu consegui sair de uma bolha.

A fala evidencia como a presença de professoras orientadoras pode ter papel transformador, oferecendo oportunidades, acolhimento e direcionamento. Além disso, destaca a importância de experiências de pesquisa que promovam interdisciplinaridade e ampliem a visão acadêmica das estudantes, contribuindo para sua formação integral.

Giovanna, por sua vez, apresenta uma trajetória marcada por condições socioeconômicas desafiadoras, mas também por oportunidades inesperadas:

A vida seguiu, e eu continuei trabalhando. Só que o E. [um outro colega] conseguiu uma bolsa FAPESP, e ele tinha a PIBIC na época. A bolsa FAPESP era um valor bem maior, e ele ia mudar. Ao mudar, ele precisava de alguém para ficar com a bolsa PIBIC dele. Então ele me chamou [...] Ele iria transferir para mim, e eu começaria a receber de imediato, terminando a pesquisa que ele tinha começado, que na época era de Lógica Intuicionista, uma lógica não clássica bem bacana. [...] Conversei com meus pais. Meu pai disse: 'Não, pode aceitar. Aceita que a gente dá um jeito, a gente vê o que faz. Vá trabalhar com as coisas que você gosta, com as coisas que são realmente da sua área, da Matemática'. Com o aval dele, não tinha mais nenhum impedimento. [...] Assim consegui a bolsa. [...] Fiz a pesquisa e terminei.

O relato de Giovanna evidencia como o acesso à pesquisa científica pode depender de oportunidades fortuitas, da mediação de colegas e do apoio familiar,

especialmente quando existem barreiras financeiras. Sua experiência também demonstra que mulheres que conciliam estudo e trabalho enfrentam pressões estruturais significativas, que podem limitar o tempo e a energia disponíveis para se dedicar à pesquisa.

Ao considerar os relatos, percebe-se que cada trajetória é marcada por desafios e descobertas singulares. Raquel vivenciou momentos de orientação e escolha deliberada, nos quais mentorias e experiências de pesquisa ajudaram-na a consolidar interesses e fortalecer sua identidade acadêmica. Giovanna, por sua vez, enfrentou barreiras materiais e logísticas, precisando conciliar trabalho e estudo, e encontrou na oportunidade inesperada da bolsa uma possibilidade de se engajar na pesquisa, superando dificuldades concretas com determinação e coragem. Em ambos os casos, a Iniciação Científica surge não apenas como espaço de aprendizagem, mas como um instrumento que amplia horizontes, favorece a construção da identidade como pesquisadora e reforça o sentido de pertencimento feminino na Matemática, mostrando que as experiências formativas vão muito além do ensino tradicional e da sala de aula.

As experiências das participantes com a apresentação de trabalhos em congressos, especialmente no Congresso de Iniciação Científica (CIC), revelam dimensões importantes da socialização científica e da percepção sobre pertencimento feminino na Matemática. Raquel Barros Reis, por exemplo, destacou suas primeiras apresentações em congressos regionais, conduzidas sob orientação da professora Maria Edneia:

Falando sobre os congressos, minha primeira apresentação foi com a professora Maria Edneia, em um evento na UNESP de Guaratinguetá — um congresso regional. Foi uma experiência muito boa: apresentei oralmente, em uma sala pequena. Algumas pessoas fizeram perguntas, mas não muitas — acredito que por eu ainda ser aluna de graduação. Também apresentei trabalhos em Bauru, mas esses eram mais rápidos, com avaliadores que assistiam e logo seguiam para outras apresentações. As mais marcantes foram a de Guaratinguetá e a do CIC, no qual fui premiada em um dos anos. Nessa ocasião, fui avaliada por duas mulheres e um homem, todos muito respeitosos.

A fala de Raquel evidencia o caráter formativo inicial da participação em congressos, em que o contato com avaliadores e pares proporciona aprendizado não apenas sobre conteúdos, mas também sobre a dinâmica acadêmica, incluindo

aspectos de avaliação e comunicação científica. A percepção sobre gênero também se faz presente em seu relato, sobretudo quando descreve o CIC de 2023:

No CIC de 2023, tive dois avaliadores homens e uma avaliadora mulher. Ela me ouviu com atenção e fez perguntas muito interessantes. Um dos avaliadores homens parecia cansado, talvez por isso não prestasse tanta atenção, e o outro foi bastante respeitoso.

Nesse contexto, observa-se que a presença de avaliadoras mulheres pode influenciar positivamente a experiência da participante, criando um espaço de atenção e reconhecimento que, embora sutil, reafirma a visibilidade feminina na avaliação científica, enquanto a postura menos atenta de alguns avaliadores masculinos evidencia as diferenças na recepção e validação das pesquisadoras.

Giovanna Dias Cardoso, por sua vez, relata sua experiência em congressos de forma marcada por desafios institucionais e pela necessidade de adaptação ao ensino remoto durante a pandemia. A primeira participação em 2020 foi resultado de uma oportunidade repassada por outro pesquisador, e seu envolvimento na pesquisa inicial serviu como porta de entrada para descobertas sobre a prática científica:

Essa foi a pesquisa que apresentei no Congresso de Iniciação Científica de 2020: o cálculo de sequência para a lógica intuicionista. Embora fosse a pesquisa dele, e ele tivesse escolhido o tema (minha responsabilidade era apenas terminar o que ele tinha começado), eu gostei muito. Eu pensei: 'Nossa, que legal é pesquisar e poder compartilhar os resultados em eventos com outras pessoas.'

O relato expressa entusiasmo e senso de pertencimento, demonstrando como a possibilidade de apresentar resultados em congressos é percebida como um reconhecimento do esforço acadêmico. Giovanna prossegue destacando a participação no CIC de 2021, na modalidade online, recebendo menção honrosa:

Terminei essa primeira IC e parti para outra, na Lógica da Relevância, que apresentei no CIC de 2021. Foi na época da pandemia, então foi online. [...] Minhas avaliadoras nesse ano foram a Tati [professora Tatiana], se não me engano, e a Pre [professora Prescila]. Eram duas mulheres. Lembro que o Elias, que estava com a pesquisa FAPESP, também passou.

A menção às avaliadoras mulheres reforça a importância de modelos femininos em espaços de avaliação científica, contribuindo para o reconhecimento das

pesquisadoras e para o fortalecimento da identidade acadêmica feminina. Giovanna também narra sua experiência com uma terceira pesquisa, na Lógica Fuzzy, evidenciando desafios na conciliação de bolsas e intercâmbio:

Terminei essa pesquisa de Lógica Fuzzy [...] Assim que consegui a bolsa de iniciação, no início do ano seguinte, pedi o auxílio e consegui. [...] Passei essa bolsa para outra pessoa. Senti que minha jornada tinha se concluído: consegui a bolsa vinda de alguém e passei a minha bolsa para alguém depois. Achei isso bem legal.

Essa fala demonstra maturidade e senso de cooperação, ao reconhecer a relevância de compartilhar oportunidades de pesquisa, além de evidenciar a complexidade das trajetórias acadêmicas, especialmente para mulheres que precisam conciliar restrições materiais, intercâmbio e responsabilidades acadêmicas.

Giovanna discute a relação entre gênero, aparência e eventos acadêmicos:

Eu e uma outra colega de Mestrado sempre nos preocupamos muito se vamos estar bonitas, com a roupa que vamos usar... O mais importante é o que vamos falar, o que temos para mostrar, e não a aparência. Por mais que as pessoas digam: 'Isso é bobeira', o medo existe na gente, justamente por ver situações que já aconteceram."

Essa semana que vou qualificar, eu já estava querendo marcar para fazer o cabelo, cílios e sobrancelha. Quanto que um cara se preocuparia com isso? O problema é que, enquanto a gente perde tempo pensando nessas coisas, os caras estão pesquisando, fazendo Matemática, fazendo Ciência.

Essas falas mostram como normas sociais e expectativas de gênero podem afetar a forma como mulheres se percebem e se apresentam em espaços acadêmicos, consumindo energia e atenção que poderiam ser dedicadas à pesquisa. Giovanna evidencia que o medo de julgamento e a necessidade de validação social são invisíveis para colegas homens, reforçando a desigualdade simbólica mesmo em contextos de meritocracia aparente.

Raquel complementa sobre a percepção de barreiras sutis:

Durante discussões ou estudos em grupo, percebia que alguns homens desconsideravam o que eu dizia. Às vezes, eu explicava algo, e depois um deles repetia a mesma ideia e recebia crédito... Acredito que, muitas vezes, o machismo não é proposital, mas algo inconsciente, enraizado.

Aqui, a fala evidencia que a desvalorização sutil e desmerecimento inconsciente afeta a autoconfiança das mulheres, reforçando barreiras institucionais e culturais.

O papel de mentorias é destacado por Giovanna:

Tive a sorte de ter tido orientadores muito bons: o LH [Luis Henrique] e a Sônia me orientaram durante a graduação. Com o Luiz Henrique, nunca tive problemas relacionados à questão de gênero. Ele cobra bastante, mas cobra todos igualmente. Prefiro um orientador que cobre da gente ser cada vez melhor do que alguém que não seja tão presente.”

Além disso, ela valoriza orientadoras mulheres:

A Sônia e a Maria Ednéia são duas mulheres maravilhosas. Sempre que precisei, elas estavam comigo. Agora no Mestrado, eu o tenho como orientador e uma orientadora que também é maravilhosa e muito inteligente. Eu a admiro muito.

Raquel aponta a necessidade de políticas e eventos que incentivem a participação feminina:

Na universidade, de modo geral, há pouco incentivo à pesquisa, e o pouco que há tende a favorecer os homens. As mulheres, muitas vezes, ficam em segundo plano, como se fossem coadjuvantes no processo científico.

Esses relatos evidenciam que mentorias, redes de apoio e modelos femininos inspiradores são fundamentais para a consolidação da identidade acadêmica feminina, especialmente em áreas sub-representadas.

Giovanna reforça a importância de ver mulheres como modelos:

Ter essas mulheres como professoras me fez perceber que eu poderia estar ali um dia. Sei de colegas que em outros cursos não tiveram a mesma experiência, e isso acaba desanimando se você não tem professoras que apoiam ou nenhum exemplo.

Raquel complementa, destacando o efeito da invisibilidade simbólica:

Vejo mulheres incríveis, muito inteligentes, que mesmo assim não recebem o reconhecimento que merecem. Eu mesma já me senti assim - como se não fosse o meu lugar.

A análise conjunta evidencia que o pertencimento feminino na Matemática depende de representatividade, reconhecimento e incentivo institucional, não apenas de competência individual. A análise das trajetórias de Raquel e Giovanna evidencia que a experiência feminina na Matemática não se limita à competência acadêmica, mas está profundamente atravessada por questões culturais, institucionais e psicológicas. Enquanto Giovanna lida com barreiras simbólicas - ansiedade, medo de discriminação e preocupações com aparência, Raquel encontra obstáculos estruturais, como desvalorização do trabalho feminino e falta de divulgação de oportunidades, e Giovana também lidou com questões relativas à sobrevivência, quando precisava trabalhar. Essas experiências distintas demonstram que a desigualdade de gênero na academia é multifacetada: não se trata apenas de oportunidades formais, mas também de como o ambiente acadêmico e social molda a autopercepção e o pertencimento das mulheres. As mentorias e redes de apoio surgem como elementos decisivos para a superação dessas barreiras. A presença de professoras inspiradoras e orientadores atentos possibilita às alunas acessar recursos, confiança e modelos de referência que muitas vezes estão ausentes em cursos historicamente dominados por homens. Além disso, a participação em congressos e a realização de ICs funcionam não apenas como experiências de aprendizado, mas também como espaços de validação profissional e construção de identidade acadêmica. No entanto, esses instrumentos de fortalecimento ainda operam dentro de um contexto marcado por desigualdades, como a invisibilidade simbólica das mulheres e a internalização de padrões culturais que reforçam inseguranças.

Dessa forma, é possível afirmar que a inserção de mulheres na Matemática exige mais do que dedicação individual; depende de políticas institucionais inclusivas, eventos que promovam visibilidade e reconhecimento, e da construção de ambientes nos quais as alunas sintam que seu trabalho é valorizado e seu pertencimento legítimo. A experiência das participantes sugere que iniciativas pontuais, como congressos voltados para pesquisadoras mulheres ou mentorias específicas, são importantes, mas insuficientes: é necessário um reconhecimento sistêmico e contínuo da presença feminina, que combata tanto barreiras estruturais quanto simbólicas. Em síntese, o que emerge das narrativas é que o fortalecimento da identidade acadêmica feminina na Matemática é um processo complexo, atravessado por escolhas pessoais,

apoio social, oportunidades institucionais e pressões culturais. Garantir que mais mulheres possam não apenas participar, mas se sentir pertencentes e valorizadas, requer uma articulação entre representatividade, políticas de incentivo e mudanças culturais, de modo que a pesquisa científica e a docência sejam ambientes verdadeiramente inclusivos e equitativos.

Além disso, iniciativas de representatividade feminina na Matemática vêm sendo criadas por estudantes em outros contextos, complementando a análise das narrativas aqui apresentadas. Movimentos como o das alunas do campus de Alegre da UFES e o projeto da UFF demonstram que é possível construir redes de apoio e visibilidade, fortalecendo o pertencimento feminino na área (UFES, s.d.; UFF, s.d.). Esses exemplos evidenciam que a transformação não depende apenas de políticas institucionais, mas também da ação coletiva das próprias estudantes.

Por fim, esta pesquisa não busca gerar sentimentos de frustração ou desânimo diante dos obstáculos revelados, mas sim servir como motivador para seguir em frente na construção de espaços mais justos. Apesar dos avanços significativos, percebe-se que a história da exclusão e da sub-representação ainda está presente nas experiências e percepções das pessoas. Reconhecer isso é o primeiro passo para consolidar estratégias que promovam equidade, inclusão e pertencimento, garantindo que futuras gerações de mulheres na Matemática possam trilhar seus caminhos com mais segurança, apoio e reconhecimento.

5 CONCLUSÃO

Esta pesquisa evidencia desafios reais enfrentados por mulheres na pesquisa em Matemática, em nível de Iniciação Científica, mas não tem o intuito de gerar desânimo diante das barreiras identificadas. Pelo contrário, os relatos de Raquel e Giovanna funcionam como motivadores, mostrando que, apesar das dificuldades simbólicas, institucionais e culturais, é possível construir trajetórias de sucesso e pertencimento na área.

A presença de mentorias inspiradoras, redes de apoio e oportunidades de Iniciação Científica demonstram que o avanço é alcançável quando há acolhimento e valorização das competências femininas. Embora se reconheçam os progressos significativos nas últimas décadas, a história da exclusão e da sub-representação

ainda se faz presente nas experiências cotidianas, influenciando a percepção de pertencimento e autoconfiança das alunas.

Nesse sentido, a pesquisa reforça a necessidade de políticas institucionais inclusivas, representatividade efetiva e ações que promovam a equidade de gênero. Ao ampliar as vozes de experiências das participantes, este estudo pretende fortalecer a motivação de outras mulheres para seguir na Matemática e na Ciência, contribuindo para a construção de espaços mais justos, reconhecedores e acolhedores, nos quais todas possam se sentir legítimas e valorizadas.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, N.; FERREIRA, L. O. Modernização, políticas públicas e sistema de gênero no Brasil: Educação e profissionalização feminina entre as décadas de 1920 e 1940. *Cadernos Pagu*, n. 27, p. 213-254, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-83332006000200009>. Acesso em: 2 set. 2025.
- BAUER, M. W.; GASKELL, G.; ALLUM, N. C. Qualidade, quantidade e interesses do conhecimento. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (Orgs.). *Pesquisa Qualitativa com textos, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis: Vozes, 2008.
- BEAUVOIR, S. *O segundo sexo: fatos e mitos*. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. v. 1.
- BELTRÃO, K. I.; ALVES, J. E. D. A reversão do hiato de gênero na educação brasileira no século XX. *Cadernos de Pesquisa*, v. 39, n. 136, p. 125–156, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0100-15742009000100007>. Acesso em: 2 set. 2025.
- BENEDITO, F. O. Intrusas: Uma reflexão sobre mulheres e meninas na ciência. *Ciência e Cultura*, v. 71, n. 2, p. 6-9, 2019. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.21800/2317-66602019000200003>. Acesso em: 2 set. 2025.
- BENTO, B. *O que é transexualidade*. São Paulo: Brasiliense, 2014.
- BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. *Qualitative research for education: an introduction to theory and methods*. Boston: Allyn and Bacon, 1982.
- CARVALHO, M. G.; CASAGRANDE, L. S. Mulheres e ciência: desafios e conquistas. *INTERthesis: Revista Internacional Interdisciplinar*, Florianópolis, v. 8, n. 2, p. 20-35, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/interthesis>. Acesso em: 01 ago. 2025.
- CORDEIRO, J. C. D. A.; BARBOZA, P. L. Nos embaraços da interdição: desvelando discursos acerca da mulher com a matemática. *E-Mosaicos*, v. 10, n. 23, p. 131–147, 2021. DOI: <https://doi.org/10.12957/emosaic.2021.53641>.
- Creswell, J. W., Plano-Clark, V. L. *Pesquisa de métodos mistos* (2a ed.). Porto Alegre: Pensa, 2013.
- DA SILVA, D.; LOPES, E. L.; JUNIOR, S. S. B. Pesquisa Quantitativa: Elementos, Paradigmas e Definições. *Revista de Gestão e Secretariado*, [S. l.], v. 5, n. 1, p. 01–18, 2014. DOI: 10.7769/gesec.v5i1.297. Disponível em: <https://ojs.revistagesec.org.br/secretariado/article/view/297>. Acesso em: 2 set. 2025.
- DOMINGUES, J. M. Educação Matemática e gênero: promovendo a equidade na sala de aula. *Revista Venezolana de Investigación en Educación Matemática (REVIEM)*, v. 3, n. 1, e202320, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.54541/reviem.v3i1.86>. Acesso em: 21 out. 2025.

DOS SANTOS, A. T. S.; DE SOUZA, F. M. C. Representação das trajetórias femininas na Matemática: uma revisão bibliográfica do estado da arte. *Revista Educação Matemática em Foco*, v. 13, n. 1, 2025.

FERNANDES, M. da C. V. *A inserção e vivência da mulher na docência de matemática: uma questão de gênero*. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2006.

FLICK, U. *Introdução à pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

FLICK, U. *Introdução à metodologia de pesquisa*. Porto Alegre: Penso, 2012. E-book. p.Capa. ISBN 9788565848138. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9788565848138/>. Acesso em: 01 ago. 2025.

GAUDÊNCIO, E. K. *Relações de gênero na matemática*. João Pessoa: Editora Realize, 2019.

GOLDENBERG, M. *A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais*. Editora Record, 2011.

HIRATA, Helena. *Nova divisão sexual do trabalho? Um olhar voltado para a empresa e a sociedade*. São Paulo: Boitempo, 2002.

HOLANDA, F.; MEIHY, J. C. S. B. *História oral: como fazer, como pensar*. São Paulo: Contexto, 2007.

HOOKS, B. *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*. Tradução de Débora Cordeiro Morato Pinto. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

JONES, F. P. Pesquisa qualitativa. In: THOMAS, J. R.; NELSON, J. K.; SILVERMAN, S. S. *Métodos da Pesquisa em Atividade Física*. Porto Alegre: Artmed, 2007.

KERGOAT, Danièle. Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. In: HIRATA, Helena et al. (org.). *Dicionário crítico do feminismo*. São Paulo: Editora UNESP, 2009. p. 67–75.

LIMA, Y. C.; FRAGOZO, M. B.; GODOY, E. V. “A matemática não é neutra, é masculina”: percepções de licenciandas em Matemática sobre gênero. *Boletim GEPEM*, n. 83, p. 138–154, 2023.

LOMBARDI, Maria Rosa. *Carreiras de mulheres e homens em profissões científicas e tecnológicas: desigualdades e assimetrias*. Cadernos Pagu, Campinas, n. 26, p. 203–236, 2006.

LOURO, G. L. Nas redes do conceito de gênero. In: MEYER, D. (Org.). *Gênero e saúde*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. p. 7-18.

LOURO, G. L. Gênero, sexualidade e educação: das afinidades políticas às tensões teórico-metodológicas. *Educação e Revista*, n. 46, p. 201–218, 2007. ISSN 0102-

4698. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/RvtnDqD9YJ8vJt6RrKCV3Pz/>. Acesso em: 22 out. 2025.

LOURO, G. L. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

LOURO, G. L. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LÜDKE, M; ANDRÉ, M. E. D. A. *Pesquisa em Educação - Abordagens Qualitativas*, 2a edição. Rio de Janeiro: E.P.U., 2013. E-book. p.14. ISBN 978-85-216-2306-9. Disponível em: <https://app.minhabiblioteca.com.br/reader/books/978-85-216-2306-9/>. Acesso em: 01 ago. 2025.

MINAYO, M. C. S. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. *Ciência & Saúde Coletiva*, v.17, n.3, p.621-26, 2012.

MINAYO, M. C. S.; SANCHES, O. Quantitativo-Qualitativo: oposição ou complementaridade? *Caderno de Saúde Pública*, v.9, n.3, p.239-262, 1993.

MUSSI, R. F. de F., MUSSI, L. M. P. T., ASSUNÇÃO, E. T. C., & NUNES, C. P. Pesquisa Quantitativa e/ou Qualitativa: distanciamentos, aproximações e possibilidades. *Revista Sustinere*, 2020, 7(2), 414–430. <https://doi.org/10.12957/sustinere.2019.41193>

NUNES, M. S. A. *A desigualdade de gênero na matemática: aspectos históricos e atuais* [Trabalho de Conclusão de Curso — Universidade Federal da Paraíba]. Repositório Institucional da UFPB, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/20616>. Acesso em: 21 out. 2025.

QUEIROZ, M. I. P. O Pesquisador, o Problema da Pesquisa, as escolha das Técnicas: Algumas Reflexões. In: LANG, A. B. S. G. *Reflexões sobre a Pesquisa Sociológica*. Coleção TEXTOS. Centro de Estudos Rurais e Urbanos NAP/CERU-USP. Série 2, n. 3, 1999, p. 13-24.

RICHARDSON, R. J. *Pesquisa Social: métodos e técnicas*. 3 ed. 13 reimp. São Paulo: Atlas, 2011.

ROSSITER, Margaret W. The Matthew Matilda effect in science. *Social Studies of Science*, v. 23, n. 2, p. 325–341, 1993.

SAFFIOTI, H. I. *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*. Petrópolis: Vozes, 1979.

SAFFIOTI, H. I. B. *O poder do macho*. São Paulo: Moderna, 1987.

SAFFIOTI, H. I. B.. *Gênero, patriarcado, violência*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004

SCHIEBINGER, L. *O feminismo mudou a ciência?* Bauru: EDUSC, 2001.

SCOTT, J. W.; LOURO, G. L.; SILVA, T. T. Gênero: uma categoria útil de análise histórica, de Joan Scott. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71–99, jul./dez. 1995.

SILVEIRA, N. S. S. *et al.* Elementos que condicionam a presença de mulheres no âmbito da educação matemática na Bahia: uma análise com base nas relações sociais de gênero. *Revista de História da Educação Matemática*, v. 9, p. 1–20, 2023.

SOUZA, M. C. R. F. de; FONSECA, M. C. F. R. *Relações de gênero, educação matemática e discurso*. 2. ed. São Paulo: Autêntica, 2024.

UFES. *Alunas de graduação em Matemática do campus de Alegre criam movimento em prol da representatividade feminina na área*. Disponível em: <https://www.ufes.br/conteudo/alunas-de-graduacao-em-matematica-do-campus-de-alegre-criam-movimento-em-prol-da>. Acesso em: 24 out. 2025.

UFF. *Projeto da UFF incentiva participação feminina na área da Matemática*. Disponível em: <https://blogs.correiobraziliense.com.br/servidor/projeto-da-uff-incentiva-participacao-feminina-na-area-da-matematica/>. Acesso em: 24 out. 2025. UNESCO. *Relatório de ciência: rumo a 2030*. Paris: UNESCO, 2018. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/>. Acesso em: 17 set. 2025

UNESP – Universidade Estadual Paulista. Prope – Pró-reitoria de Pesquisa. *Congresso de Iniciação Científica da Unesp*. Disponível em: <https://www2.unesp.br/portal#!/prope/programa-iniciacao-cientifica/congressos/>. Acesso em: 1 dez, 2025.

WATANABE, P. Igualdade de gênero é pior em física, matemática e cirurgia, diz estudo. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 19 abr. 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ciencia/2018/04/igualdade-de-genero-e-pior-em-fisica-matematica-e-cirurgia-diz-estudo.shtml>. Acesso em: 01 ago. 2025.

APÊNDICE A – Roteiro da Entrevista

1º Passo: Acolhimento da entrevistada

- Apresentação da pesquisa
- Esclarecimento sobre o objetivo da entrevista que seria registrar experiências e trajetórias na matemática
- Falar sobre o TCLE
- Reforçar o pedido de autorização para gravação

2º Passo: Trajetória pessoal e acadêmica da entrevistada

- História de como se aproximou da Matemática.
- Caminho até a graduação.
- Experiências marcantes no curso

3º Passo: Experiências na cic com iniciação científica

- Como começou a iniciação científica.
- Como foi o processo de pesquisa e participação no CIC.
- Desafios e conquistas durante esse percurso.
- Sentidos e aprendizados trazidos dessa experiência

4º Passo: Questões de gênero e vivências no campo da Matemática

- Percepções sobre ser mulher na Matemática.
- Experiências de apoio, incentivo ou, ao contrário, de dificuldades relacionadas ao gênero.
- Inspirações e referências femininas (ou ausência delas).

5º Passo: Encerramento

- Espaço para acrescentar algo que não tenha sido mencionado
- Agradecimento e reconhecimento pela contribuição

APÊNDICE B – Transcrição da Entrevista de Raquel Barros Reis

O caminho que me levou até a graduação foi algo que começou a se formar ainda no ensino médio. Na verdade, desde o ensino fundamental eu sempre gostei muito de matemática, mas até então era apenas um gosto — eu gostava de fazer contas, de resolver problemas. No ensino médio, porém, tive uma professora de matemática que me marcou muito pela forma como explicava os conteúdos, e isso me inspirou bastante. Acho que o principal é que eu sempre tive uma visão muito desenvolvida sobre o ser professor. Sempre respeitei muito os professores e sempre achei que essa é uma das profissões mais bonitas que existem, porque acredito que o professor tem a capacidade de transformar vidas — não de moldar o aluno, mas de oferecer ferramentas para que ele se torne uma pessoa melhor.

Essas reflexões me deixaram muito pensativa sobre seguir o caminho da docência. Quando chegou a hora de decidir o que fazer, fiquei confusa, como é normal. Pensei em outras profissões, mas no final acabei optando por fazer Matemática.

Logo que saí do ensino médio, cheguei a cursar Gastronomia, porque eu também sempre gostei de cozinhar. Fiz estágio, mas não gostei da área e decidi mudar para a Licenciatura em Matemática. Entrei mais como um teste, sem ter certeza se realmente gostaria de trabalhar com isso. Entrei durante a pandemia, e fiz cerca de um ano — talvez um ano e meio — de aulas totalmente online. Mesmo assim, eu adorei o curso.

Nos últimos anos, durante os estágios, tive experiências muito marcantes. Estar com os alunos, vivenciar o cotidiano escolar, lidar com as situações reais da sala de aula — tudo isso me tocou profundamente. Não era mais apenas estudar teorias ou fazer seminários sobre o que é ensinar, mas viver o ensino de fato.

Quando comecei o curso, o meu objetivo era lecionar no ensino médio. Eu tinha essa imagem do professor como alguém que transforma a vida do aluno, e isso me atraía muito. No entanto, com o passar do tempo, percebi que também me interessava bastante pela área da pesquisa.

Minha primeira iniciação científica foi na área pedagógica. Eu queria ter certeza se queria mesmo seguir pela matemática aplicada, então pensei: “Vou tentar essa primeira pesquisa e ver o que eu acho”. Gostei muito, mas percebi que não era algo com que eu me via trabalhando para o resto da vida.

Depois, fiz outra iniciação científica, desta vez na área de Álgebra — uma matéria que eu adoro. E eu amei. Foi uma sensação de descoberta, de pensar “por que não fiz isso antes?”. Tive medo no início de não gostar dessa parte mais aplicada da matemática, mas quando percebi que era exatamente o que eu gostava, decidi continuar pesquisando nessa área.

Tive também um pouco de sorte nesse caminho. Meu namorado fazia Física na UNESP e entrou um ano antes de mim. Então, eu via o que ele fazia na parte acadêmica e já tinha uma noção do que seria importante fazer para, por exemplo, conseguir entrar em um mestrado depois.

Percebi que, de modo geral, na UNESP há pouco incentivo à pesquisa. Quando entrei, mesmo naquela reunião inicial para os ingressantes, não senti que havia um incentivo real, nem para as áreas aplicadas, nem para a pesquisa. Então, eu me senti um pouco perdida. Observando o que meu namorado fazia, percebi o que eu também poderia buscar, e logo no início da graduação já procurei uma iniciação científica. Foi nesse período que conheci a professora Maria Edneia, ainda na época do ensino remoto, quando participei do PIBID.

Foi uma época complicada, pois as apresentações eram todas online. A professora Maria Edneia coordenava o PIBID e, por meio dela, surgiu a oportunidade de eu fazer uma iniciação científica. Aceitei, mesmo estando em dúvida sobre seguir na área da educação ou na aplicada.

A experiência com a Maria Edneia foi incrível. Sinto que mudei muito durante essa pesquisa, porque antes eu não dava tanta atenção às disciplinas da área da educação. Com a iniciação científica, precisei olhar com mais cuidado para elas — e isso transformou a minha forma de enxergar o mundo. Eu consegui sair de uma bolha.

Minha pesquisa analisava o contexto de produções de livros, e, a princípio, eu achava que isso não impactaria muito minha visão de mundo. Mas me enganei. O contato com bibliografias, principalmente com a metodologia da história oral, foi fundamental. Essa experiência mudou minha maneira de compreender as relações culturais e sociais.

Mas, apesar de ter sido marcante, percebi que aquela não era a área em que eu queria continuar.

Falando sobre os congressos, minha primeira apresentação foi com a professora Maria Edneia, em um evento na UNESP de Guaratinguetá — um

congresso regional. Foi uma experiência muito boa: apresentei oralmente, em uma sala pequena. Algumas pessoas fizeram perguntas, mas não muitas — acredito que por eu ainda ser aluna de graduação.

Também apresentei trabalhos em Bauru, mas esses eram mais rápidos, com avaliadores que assistiam e logo seguiam para outras apresentações. As mais marcantes foram a de Guaratinguetá e a do CIC (Congresso de Iniciação Científica), no qual fui premiada em um dos anos. Nessa ocasião, fui avaliada por duas mulheres e um homem, todos muito respeitosos.

Já no outro ano, apresentei no SELMAT e novamente no CIC. No CIC de 2024, tive dois avaliadores homens e uma avaliadora mulher. Ela me ouviu com atenção e fez perguntas muito interessantes. Um dos avaliadores homens parecia cansado, talvez por isso não prestasse tanta atenção, e o outro foi bastante respeitoso.

De modo geral, nos congressos não senti atitudes machistas diretamente, mas já vivi situações assim em outros contextos. Durante discussões ou estudos em grupo, percebia que alguns homens desconsideravam o que eu dizia. Às vezes eu explicava algo, e depois um deles repetia a mesma ideia e recebia crédito. No começo, achei que o problema fosse meu — que eu não me expressava bem — e tentei melhorar minha fala. Até que, em uma situação específica, eu tinha absoluta certeza de que estava certa, e mesmo assim fui ignorada. Quando o colega chegou à mesma conclusão depois, percebi que o problema não era a forma como eu falava, mas sim uma falta de reconhecimento.

Acredito que, muitas vezes, o machismo não é proposital, mas algo inconsciente, enraizado. É uma forma de desmerecimento sutil, que se manifesta sem intenção, mas que ainda assim tem impacto.

Quanto ao incentivo às mulheres na pesquisa, sinceramente, acho que ainda é muito pequeno. Recentemente soube de um congresso voltado a pesquisadoras mulheres e achei uma iniciativa muito interessante, mas não foi algo amplamente divulgado. Esses eventos pontuais são importantes, mas não resolvem o problema de base: a falta de incentivo na graduação.

Na universidade, de modo geral, há pouco incentivo à pesquisa, e o pouco que há tende a favorecer os homens. As mulheres muitas vezes ficam em segundo plano, como se fossem coadjuvantes no processo científico.

Vejo mulheres incríveis, muito inteligentes, que mesmo assim não recebem o reconhecimento que merecem. E, de forma muito implícita, percebo que muitas acabam acreditando que aquele espaço não lhes pertence. Eu mesma já me senti assim — como se não fosse o meu lugar.

Essas inseguranças não surgem do nada. Há algo cultural muito forte que puxa as mulheres para trás. Lembro de ter lido sobre uma pesquisa que mostrava que cerca de 50% dos homens acreditam que poderiam ser jogadores da Série A de futebol — e achei isso impressionante. Enquanto isso, muitas mulheres estudam por anos, se dedicam intensamente e ainda assim se sentem inseguras sobre suas capacidades. Isso mostra que há uma questão social profunda por trás disso tudo, uma falta de incentivo que afeta diretamente a confiança das mulheres na academia.

Foi um prazer poder participar dessa entrevista e compartilhar um pouco da minha trajetória. Fico muito feliz em saber que essa pesquisa está sendo realizada, porque acredito que ela é realmente necessária para as futuras gerações de estudantes e pesquisadoras. Que trabalhos como este continuem abrindo caminhos, dando visibilidade e fortalecendo a presença das mulheres na matemática e na pesquisa científica. Muito obrigada pela oportunidade e pela conversa.

APÊNDICE C – Transcrição da Entrevista da Giovanna Dias Cardoso

Eu estudei no SESI até o 9º ano do Ensino Fundamental. Depois, no Ensino Médio, fui para a ETEC, que é pública, a ETEC de Jaú.

Mudei porque no Ensino Médio o SESI ficava muito caro. Meus pais não tinham mais condições de pagar, então resolvi prestar a prova da ETEC. Ela era muito perto de casa, o que também era uma vantagem, pois eu não precisaria de van nem nada. Passei e fui. No primeiro ano do Ensino Médio, eu ainda queria fazer Jornalismo, que era o meu interesse desde o Ensino Fundamental. Sempre gostei, principalmente de jornalismo esportivo, pois sempre gostei muito de futebol. Durante o Ensino Médio, porém, percebi que ajudava bastante os colegas de sala com Matemática, em especial. Eu me destacava em Matemática, apesar de ser da galera do fundo. Sempre fui *nerd* e estudei bastante, mas sentava com o pessoal do fundo.

Eu meio que ajudava o pessoal do fundo em Matemática e acabei gostando disso. Percebi que gostava de ensinar, e gostava de ensinar Matemática especificamente. Prestei o vestibular da UNESP, passei, e fui. Bauru era perto de Jaú, e meus pais não queriam um lugar muito longe, então aproveitei e juntei o útil ao agradável, vindo para a UNESP Bauru. No meu primeiro ano de faculdade, em 2019, eu vinha de van porque tinha que trabalhar em Jaú. Ainda não tinha bolsa e nem sabia o que era pesquisa. Eu trabalhava em uma loja no centro.

O primeiro ano foi bem corrido. Eu trabalhava no comércio, das 8h às 18h. A van me pegava na porta da loja e me trazia para a UNESP, e eu chegava em Jaú por volta da meia-noite, para, no outro dia, fazer a mesma coisa. Eu trabalhava de sábado. Sinto que foi o ano mais difícil, porque, além de me adaptar à faculdade, eu tinha a questão do trabalho, e em uma área que não tinha a ver com a minha. Isso acabava sendo pior para mim. Minha vida mudou completamente na Semana da Matemática de 2019. Durante aquele ano, eu já tinha ouvido falar de Iniciação Científica e comecei a entender o que era. Os veteranos comentavam sobre essa possibilidade, mas sempre associada à proibição de trabalhar, ou seja, não podia ter vínculo empregatício para ter a bolsa de IC, que na época era de R\$ 400 (a bolsa PB do CNPq).

Mesmo assim, não podia trabalhar. Você tinha que conseguir se virar com R\$ 400. E eu não tinha como parar de trabalhar para tentar uma bolsa, pois haveria o tempo do aceite até eu conseguir a bolsa.

Eu desisti da ideia. Por um tempo, cogitei fazer pesquisa sem bolsa, mas percebi que não ia conseguir; era muito corrido, e eu tinha toda a adaptação da faculdade. Mas na Semana da Matemática eu assisti a um minicurso de Lógica, ministrado pela Gabi Cirilo, uma veterana minha, e pelo Elias (você o conhece). Eles falaram de Lógica e de Lógica não clássica. Comecei a me empolgar e falei: caramba, eu gosto disso! Eu já gostava de Lógica antes, pois fiz técnico em Informática junto com o Ensino Médio e tive Lógica da Programação, mas nunca vi isso como uma possibilidade de carreira. Ao assistir a esse minicurso, pensei: nossa, é muito legal, eu gosto dessa área da Matemática.

Lembro que depois do minicurso chamei o Elias para conversar e perguntei: "Que bacana! Como você fez a Iniciação Científica? Como eu faço para fazer uma?". Ele falou que eu teria que conversar com o orientador e mencionou a questão das bolsas, algo que eu já sabia.

Absorvi aquilo e pensei: "Quem me dera um dia conseguir fazer". Mas a vida seguiu, e eu continuei trabalhando. Só que o Elias conseguiu uma bolsa FAPESP, e ele tinha a PIBIC na época. A bolsa FAPESP era um valor bem maior, e ele ia mudar. Ao mudar, ele precisava de alguém para ficar com a bolsa PIBIC dele. Então ele me chamou.

Ele pensou: "Ela veio conversar comigo no dia do minicurso, então provavelmente tem interesse. Vou ver se ela quer pegar minha bolsa". Ele iria transferir para mim, e eu começaria a receber de imediato, terminando a pesquisa que ele tinha começado, que na época era de Lógica Intuicionista, uma lógica não clássica bem bacana.

Lembro-me muito bem. Eu estava trabalhando no dia em que ele me ofereceu a bolsa. Ele disse: "Vou sair, vou pegar uma FAPESP. Se você quiser, eu preciso que você assine imediatamente. Você teria que topa de um dia para o outro". Conversei com meus pais. Mandeí mensagem e expliquei: "Apareceu uma oportunidade de bolsa, mas eu não poderia trabalhar. Teria que pedir demissão do emprego de um dia para o outro". Eu já estava querendo ir para Bauru no ano seguinte e não queria mais ficar nessa rotina de van e trabalho o dia todo.

Conversei com eles, e meu pai disse: "Não, pode aceitar. Aceita que a gente dá um jeito, a gente vê o que faz". Era uma diferença de valores absurda, mas ele

falou: "Aceita que a gente dá um jeito e vai fazer. Vá trabalhar com as coisas que você gosta, com as coisas que são realmente da sua área, da Matemática".

Com o aval dele, não tinha mais nenhum impedimento. Conversei com meu chefe da época, e ele entendeu. Saí do emprego, mandei o comprovante de que tinha saído, e assim consegui a bolsa. A bolsa dele foi transferida para mim. Foi aí que eu entrei na Iniciação Científica. Foi meio caótico desde o começo. Ele já tinha feito seis meses, ou menos (acho que quatro), e eu ficaria com oito meses, completando um ano de bolsa. Fiz a pesquisa e terminei.

Essa foi a pesquisa que apresentei no Congresso de Iniciação Científica de 2020: o cálculo de sequentes para a Lógica Intuicionista. Embora fosse a pesquisa dele, e ele tivesse escolhido o tema (minha responsabilidade era apenas terminar o que ele tinha começado), eu gostei muito. Eu pensei: "Nossa, que legal é pesquisar e poder compartilhar os resultados em eventos com outras pessoas".

A partir dali, não parei mais. Comecei a ter mais tempo livre, já que não estava mais trabalhando. Em 2020, eu me mudei para Bauru também. Comecei a participar de todos os projetos que apareciam: entrei no Raciolog, que é o projeto de extensão de Lógica, e depois, mais para frente, na Residência Pedagógica, que valeria pelo estágio. Fui fazendo tudo o que aparecia, o que eu já queria desde o começo, mas não podia. Entrei no Centro Acadêmico (ajudamos a revivê-lo na época).

Terminei essa primeira IC e parti para outra, na Lógica da Relevância, que apresentei no CIC de 2021. Foi na época da pandemia, então foi online. Na verdade, eu não participei de nenhum CIC presencial. O de 2020 e 2021 foram online. No de 2021, consegui menção honrosa, passando para a segunda fase, com a pesquisa de Lógica da Relevância. Minhas avaliadoras nesse ano foram a Tati, se não me engano, e a Pre. Eram duas mulheres. Lembro que o Elias, que estava com a pesquisa FAPESP, também passou. Ele conseguiu até prêmio na segunda fase. Eu não consegui o prêmio, apenas passei. Foi menção honrosa na primeira e passei para a segunda.

Terminei essa pesquisa de Lógica da Relevância e comecei mais uma, de Lógica *Fuzzy*, que é a lógica que trabalho até hoje. Essa de Lógica *Fuzzy* eu não terminei. Se for contar a autoria, foi uma pesquisa (a parte que peguei do Elias) e uma parte dessa terceira. Participei de três ICs, mas só uma fiz do começo ao fim. A terceira eu fiz a metade, seis meses, mas aí saiu o resultado do intercâmbio, para o qual me

inscrevi. Eu não poderia ir recebendo a bolsa de IC; só poderia ir recebendo o auxílio permanência, que eu também recebia. Assim que consegui a bolsa de iniciação, no início do ano seguinte, pedi o auxílio e consegui. Eu fiquei com a bolsa e o auxílio, o que ajudava bastante.

Mas não podia acumular a bolsa, porque o intercâmbio também seria bolsa. Então, passei essa bolsa para outra pessoa. Senti que minha jornada tinha se concluído: consegui a bolsa vinda de alguém e passei a minha bolsa para alguém depois. Achei isso bem legal. Fui para o intercâmbio, fiquei seis meses lá, estudando na Universidade de Granada. Fiz lá algumas das disciplinas que faria aqui. Quando voltei, eu terminei.

Terminei o estágio e fiz o TCC. O TCC eu não fiz na área de Lógica; fiz com a Sônia e com a Maria Ednéia. Quis mudar um pouco de área para conhecer outras, para ver a pesquisa em outras áreas e para saber se era mesmo Lógica o que eu queria fazer na Pós-Graduação (Mestrado/Doutorado). Eu amei o TCC. Fizemos um trabalho com o MST em Otimização Matemática. O TCC tem que ter a ver com Educação, alguma aplicação na área. Fizemos modelagem matemática e otimização usando as vivências de um assentamento rural do MST. Foi maravilhoso, gostei muito de fazer e do resultado. A Sônia também gostou, acredito eu. Mas ainda assim, percebi que o que eu mais gostava era a parte de Lógica.

Então, para o Mestrado, eu fui para a parte de Lógica mesmo. Na verdade, chama Mestrado em Filosofia porque a Lógica é uma subárea da Filosofia. Quando eu me formar, serei Mestre em Filosofia, mas a pesquisa é na área de Lógica. Acho que é isso.

A primeira IC que participei, em 2020, foi do projeto que dei andamento, que era do Elias anteriormente. Meu papel foi finalizar a proposta do cálculo de sequentes para a Lógica Intuicionista. A parte bibliográfica ele já tinha feito, então eu fiz a parte prática mesmo.

Eu gostei bastante, porque o nosso orientador das três ICs que fiz, o Luiz Henrique (LH), sempre gostou muito de trazer alguma proposta nova na IC. Ele não gostava de ficar só na revisão bibliográfica. Não que não seja importante, é muito importante, principalmente na graduação, mas ele sempre propunha, além do estudo, trazer alguma coisinha nova, o mínimo que fosse. Alguma novidade tinha que ter na

IC. E, nessa primeira, foi a proposta do cálculo de sequentes que fizemos. O CIC, se não me engano, foi o primeiro evento acadêmico que participei, mas foi online.

Eu ainda não tinha a experiência de estar ali do lado do pôster. Só fui ter a experiência da foto com o pôster no último ano da graduação, porque o restante era tudo *print* da apresentação online. Depois que participei do primeiro, comecei a participar de outros eventos online também. Aproveitei a pandemia para juntar alguns certificados e aumentar meu currículo. Gostei da ideia. Apesar da ansiedade que tenho desde sempre (fico muito nervosa sempre que vou apresentar algo), é um nervosismo bom. Depois que você apresenta e vê que conseguiu explicar, que você sabe algo novo, que está trazendo algo novo, por mínimo que seja, para a sua área, você pega gosto. Fui participando de outros, tanto que no de 2021 consegui a menção honrosa.

Mesmo que não conseguisse apresentar um trabalho, eu participava, pelo menos como ouvinte ou nos minicursos que ele indicava. Isso me ajudou bastante, pois participo desses eventos desde a graduação. Hoje em dia, quando tenho que participar de algum evento como mestrandia, me sinto mais tranquila, mais confiante.

Tive a sorte de ter tido orientadores muito bons: o LH e a Sônia me orientaram durante a graduação. Com o Luiz Henrique (ele é meu orientador até hoje), nunca tive problemas relacionados à questão de gênero. Sinto que tudo o que ele me passava, ele passava para os orientandos homens dele também. Essa diferença nunca existiu da parte dele. Ele cobra bastante, mas cobra todos igualmente, o que para mim está certo. Prefiro um orientador que cobre da gente ser cada vez melhor do que alguém que não seja tão presente. A Sônia e a Maria Ednéia são duas mulheres maravilhosas. Sempre que precisei, elas estavam comigo. Agora no Mestrado, eu o tenho como orientador e uma orientadora que também é maravilhosa e muito inteligente. Eu a admiro muito.

Acho que isso é o mais importante. Durante a graduação em Matemática, e agora no Mestrado, estou conhecendo mulheres muito incríveis, muito inteligentes, verdadeiros ícones. Mulheres que você admira profundamente, que você pensa: "Eu quero ser essa pessoa quando crescer". Durante a graduação, muitas, muitas... Lembro que os primeiros contatos com demonstração foram na aula do Luiz Henrique, e também na aula da Emília de Matriz. Eu sempre via o quanto ela era inteligente, o quanto ela tinha de conhecimento para passar. E outras mulheres maravilhosas, a

Pre, a Tati, que é super empática. Na maioria das vezes que precisávamos de alguém para nos defender ou para conversar, corríamos para as professoras mulheres, que tendem a ser mais abertas e disponíveis, principalmente a Maria Ednéia. Ela sempre ajudou muito a minha sala nas coisas que precisávamos. Ela estava ali. Na época, ela era coordenadora também.

Acho que o curso de Matemática tem essa sorte de ter mulheres muito inteligentes e muito empáticas. A Cris é muito inteligente. Eu sempre olhei para essas mulheres com o desejo de ser assim quando crescer. Ter essas mulheres como professoras me fez perceber que eu poderia estar ali um dia. Foi ótimo não ter só professor homem e não ter só professor homem nas matérias de Matemática Pura. Não restringir as mulheres só para a área de Educação. A tendência acaba sendo colocar os professores homens para dar Matemática Pura ou Aplicada e as mulheres para a Educação. A parte de Educação é maravilhosa, mas as mulheres também dão aulas de Matemática Pura e Aplicada. Elas participam de tudo o que é proposto para os professores do curso.

Acho que isso foi super importante. Sei de colegas que em outros cursos não tiveram a mesma experiência, e isso acaba desanimando se você não tem professoras que apoiam ou nenhum exemplo. Na minha sala, o número de meninas e meninos era equilibrado. Por ser um curso de Licenciatura, acaba ficando mais equilibrado, porque vejo que em cursos que são só Bacharelado há mais homens.

Acho que as maiores dificuldades que enfrentei durante o curso foram em relação à minha autoconfiança, de me sentir capaz, suficiente, de me comparar com outras pessoas. As barreiras nem foram tanto impostas por professores ou professoras, mas por mim mesma, a questão da autoconfiança. Agora no Mestrado, sinto um pouco mais de diferença quando vou a algum evento específico da área de Lógica. A predominância é mais masculina. Eu fico um pouco nervosa, com medo de sofrer algum tipo de preconceito simplesmente por ser mulher e estar ali. Eu nunca sofri, nunca aconteceu, mas morro de medo. Você passou por isso, e acredito que seja muito ruim, porque você está ali para falar sobre seu trabalho, o que pesquisa, suas descobertas. E ser impedida de fazer isso pelo simples fato de ser mulher deve ser horrível. Confesso que vou para alguns eventos pensando nisso: "Tomara que ninguém queira me questionar ou fazer algum comentário pelo fato de eu ser mulher,

só para se sentir superior ou melhor de alguma forma". Mas nunca aconteceu. Até o momento, está tudo bem.

E sim, você vai estar lá. Eu acredito nisso, é muito legal a sua experiência com o LH. O LH é sempre muito querido. E sim, é normal a gente ter esse medo. Na verdade, não deveria ser normal. Mas é interessante você pontuar isso, porque acaba passando despercebido. Não sei se você viu uma pesquisa de uma pessoa que publicou que mais de 50% dos homens acham que seriam jogadores profissionais da classe A, tipo Neymar.

Eu vi uma que uma porcentagem de homens cravava que conseguiria pilotar um avião. Do zero. Uma autoconfiança enorme. Então, é bom ter esses tipos de pesquisa para a gente ver o quanto precisamos mudar essa mentalidade deles. E nós, como mulheres, precisamos falar, porque se a gente não fala, o outro lado predomina. Nesses eventos, no último que fui, o Rômulo, meu colega (acho que você o conheceu, ele é um ano mais velho que eu, mas geralmente vamos juntos para os eventos), já é tranquilo por natureza, mas a tranquilidade dele é muito maior que a minha. Acho que um pouco disso é porque eu realmente fico, muitas vezes, pensando se vai ter alguém que vai querer me questionar por eu ser mulher ou se vai ter algum cara querendo sair por cima, mostrar o quanto ele é melhor do que eu, mesmo eu sendo uma simples mestranda e a pessoa um pós-doutor.

Eu percebo também que eu e uma outra colega de Mestrado sempre nos preocupamos muito se vamos estar bonitas, com a roupa que vamos usar, se vamos estar... E ele não, ele colocava uma camiseta, uma calça jeans, e era isso. Ele sabe que o mais importante é o que ele vai falar, o que ele tem para mostrar, e para a gente deveria ser também. O mais importante é a nossa pesquisa, os nossos resultados, independente da roupa que eu estou, da minha cor de cabelo, das minhas tatuagens, ou enfim... Só que a gente tem esse receio. Por mais que as pessoas possam falar: "Ah, mas isso é bobeira, isso não vai acontecer, isso não existe", o medo existe na gente, justamente por ver situações como a sua que já aconteceram. Por que não aconteceria comigo? É complicado.

Exato, e essa questão da roupa, para você ver como é imposto pela sociedade. Eu sinto isso até hoje. Vou apresentar na Jornada das Mulheres que vai ter esta semana, e mesmo assim, decidi que tinha que comprar uma roupa nova. Olha só a minha mente: "Eu preciso passar uma credibilidade". E, na verdade, é o que você

falou, eu poderia estar com uma roupa simples, mas o que importa é o meu resultado, a minha Iniciação Científica, não sou eu, a minha aparência. Eu tenho *piercing*, tenho tatuagem. Fiquei preocupada com a roupa e tudo mais, e não deveria. Quando você conversa com os garotos, isso não existe.

Essa semana que vou qualificar, eu já estava querendo marcar para fazer o cabelo, cílios e sobrancelha. Quanto que um cara se preocuparia com isso? O problema é que, enquanto a gente perde o nosso tempo para pensar nessas coisas, os caras estão pesquisando, fazendo Matemática, fazendo Ciência. É difícil colocar na nossa cabeça que o que importa é a minha pesquisa, os meus resultados. Você ainda acha que a sua aparência chega primeiro. E por que chega? Infelizmente, hoje em dia. Não é isso mesmo, Gi. Eu compartilho 100% das suas respostas aqui, da sua história, do que você vivenciou e sente até hoje. Isso para mim será de grande valia.

Eu acho que falei bastante. Acho que está legal.

Gostaria de parabenizar e destacar a importância de pesquisas como a sua, pois dão voz para a gente contar um pouco das nossas experiências. De repente, as pessoas que veem isso conseguem fazer algum tipo de mudança. Essa pesquisa é mais importante ainda para as mulheres, porque a gente consegue ver que não está sozinha, que outras mulheres já passaram pela mesma coisa, que outras mulheres pensam a mesma coisa. Às vezes, a gente acha que o problema é a gente.

APÊNDICE D – TCLE da Participante 1

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Prezada colaboradora,

Venho, por meio deste, apresentar o convite para participação na pesquisa de Iniciação Científica/Trabalho de Conclusão de Curso em andamento intitulada Gênero e Matemática: O (Des)incentivo à Participação Científica de Mulheres na área de Matemática, orientada pela Profa. Associada Maria Ednéia Martins, desenvolvida junto ao Curso de Licenciatura/Departamento de Matemática da Faculdade de Ciências da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP), câmpus de Bauru (SP), como participante entrevistada. Este projeto de pesquisa foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética da Faculdade de Ciências da referida Universidade.

A entrevista, utilizando a História Oral, para esta pesquisa será realizada em dia, horário e local determinado por você. Sua participação se dará através de uma entrevista utilizando recursos de áudio, pela conferência da textualização (texto produzido pelo pesquisador a partir do resultado da gravação), e assinatura da carta de cessão de direitos desses materiais. O áudio, a textualização e a carta de cessão de direitos da entrevista serão enviados por correios, meio eletrônico ou entregues pessoalmente. Você poderá conferir a textualização (texto que será publicado na pesquisa), comparando com os demais materiais enviados, e a devolverá ao pesquisador para as adequações sugeridas. Esse processo se repetirá até que esse texto obtenha a sua aprovação, momento no qual você assinará a carta de cessão de direitos, a qual, juntamente com a textualização final, será entregue à pesquisadora. As devoluções desses materiais à pesquisadora, durante o processo, serão realizadas pelo meio mais adequado, a ser definido por você (e-mail, correios ou pessoalmente); e, caso haja custos de devolução, estes serão pagos pela pesquisadora. A entrevista será realizada com o auxílio de um roteiro de perguntas que poderá ser enviado com antecedência, mas outras questões poderão surgir ao longo da entrevista.

Como, de acordo com o referencial utilizado, da História Oral, é importante que o nome real da pessoa fique registrado, visando aspectos da sua individualidade e subjetividade, é muito relevante mantermos seu nome real, mas você ficará livre para aceitar (ou não) a inclusão do seu nome real na pesquisa, ficando também a seu critério indicar um codinome ou autorizar os responsáveis da pesquisa para criação deste codinome. Sua participação no desenvolvimento desta pesquisa será muito importante, tendo em vista que utilizamos a metodologia da História Oral para a produção de narrativas e constituição de fontes históricas, consistindo em um material para esta pesquisa e para pesquisas futuras, compondo parte da memória educacional do nosso país. Você terá uma oportunidade de narrar suas experiências com o CIC e contribuir com o aprofundamento dos debates das questões de gênero, em especial no campo da Educação Matemática. Os riscos de participação nessa pesquisa são mínimos, mas podem ocorrer, como

indisposição ou cansaço no momento da gravação ou durante a conferência dos documentos, pode ser que você fique emocionada ou expresse outros sentimentos ao fazer sua narrativa, sendo que, nestes casos, você poderá solicitar interrupção na gravação e retomar ou dar continuidade em outro momento, como for mais adequado. A você serão dadas informações sobre todos os procedimentos realizados antes, durante e depois da entrevista, que são: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, áudio da entrevista, transcrição da entrevista, textualização (texto editado) da entrevista e Carta de Cessão de direitos de uso da textualização em trabalho científico. Como as narrativas tratam de sua trajetória e sobre sua participação no CIC, mesmo que seu nome não seja citado, pode ocorrer que você seja identificada por alguém, pelos elementos presentes em sua narrativa. Para minimizar esses riscos - nos casos nos quais a participante não queira ser identificada - serão tomados os devidos cuidados de retirar marcas que possam identificá-la. Você terá acesso a todos os procedimentos realizados antes, durante e depois da entrevista, que são:

- O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, contendo todos os detalhes da pesquisa e que será entregue antes do início da gravação da entrevista;
- A transcrição da entrevista, que é o processo de transformar o áudio em texto escrito, contendo todas as hesitações, repetições e outros traços da oralidade;
- A textualização (texto editado), que será a versão a ser publicada na íntegra na tese. Neste texto, serão realizadas algumas alterações, retirando as hesitações, repetições e os traços da oralidade, mas, mantendo as características do entrevistado;
- A Carta de Cessão, que é o documento legal da concessão dos direitos de utilização e publicação do texto por você legitimado, bem como de áudios, imagens e documentos que você possa nos ter concedido para esta pesquisa, a qual só será assinada após o processo de conferência e adequações conforme suas solicitações. (Anexo).

Todos os passos anteriores serão autorizados por você, podendo a seu critério retirar o consentimento, sem qualquer prejuízo. Além disso, você não terá nenhuma despesa na realização desta pesquisa, bem como não terá despesas. Caso tenha alguma dúvida, poderá entrar em contato a qualquer momento com as responsáveis pela pesquisa (Prof.^a Assoc Maria Ednéia Martins: e-mail: maria.edneia@unesp.br; Leticia

Caroline Garcia, email: lc.garcia@unesp.br).

Cabe esclarecer que, de acordo com as normas vigentes (Lei nº 14874/2024, Resoluções 510/16 e 466/12), as pesquisas em Ciências Humanas e Sociais precisam ser registradas e aprovadas em órgãos reguladores pertencentes às faculdades, os chamados comitês de ética. O objetivo de tal exigência é garantir que essas pesquisas sejam feitas de modo a respeitar a integridade e a dignidade das pessoas participantes. O Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências da UNESP de Bauru possui escritório no Campus de Bauru da UNESP (Av. Engenheiro Luiz Edmundo Carrijo Coube, 14-01, Vargem Limpa, CEP 17033-360, Bauru, SP), e pode ser contatado através do telefone (14) 3103-9400, e

do e-mail <cepesquisa@fc.unesp.br>. A página deste Comitê na web pode ser acessada em <<http://www.fc.unesp.br/81/pesquisa/comite-de-etica/>>.

Desde já, agradeço a sua colaboração neste trabalho.

Este termo será assinado em duas vias, por vocês e pelas responsáveis pela pesquisa, ficando uma via em seu poder.

Li e concordo participar da pesquisa () SIM () NÃO

Sobre a minha identificação na textualização, autorizo a:

(x) USAR MEU NOME REAL

() CRIAR UM CODINOME) USAR O CODINOME

Data: 11_/09_/2025__

Local: São Carlos_____

Nome e assinatura da entrevistada

Documento assinado digitalmente
 RAQUEL BORDES
CPF: 000.000.000-00

Nome e assinatura das pesquisadoras

Documento assinado digitalmente
 MARIA EDNÉIA MARTINS
CPF: 000.000.000-00

Maria Ednéia Martins

Documento assinado digitalmente
 LETÍCIA CAROLINE GARCIA
CPF: 000.000.000-00

Letícia Caroline Garcia

APÊNDICE E – TCLE da Participante 2

Prezada colaboradora,

Venho, por meio deste, apresentar o convite para participação na pesquisa de Iniciação Científica/Trabalho de Conclusão de Curso em andamento intitulada Gênero e Matemática: O (Des)incentivo à Participação Científica de Mulheres na área de Matemática, orientada pela Profa. Associada Maria Ednéia Martins, desenvolvida junto ao Curso de Licenciatura/Departamento de Matemática da Faculdade de Ciências da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP), câmpus de Bauru (SP), como participante entrevistada. Este projeto de pesquisa foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética da Faculdade de Ciências da referida Universidade.

A entrevista, utilizando a História Oral, para esta pesquisa será realizada em dia, horário e local determinado por você. Sua participação se dará através de uma entrevista utilizando recursos de áudio, pela conferência da textualização (texto produzido pelo pesquisador a partir do resultado da gravação), e assinatura da carta de cessão de direitos desses materiais. O áudio, a textualização e a carta de cessão de direitos da entrevista serão enviados por correios, meio eletrônico ou entregues pessoalmente. Você poderá conferir a textualização (texto que será publicado na pesquisa), comparando com os demais materiais enviados, e a devolverá ao pesquisador para as adequações sugeridas. Esse processo se repetirá até que esse texto obtenha a sua aprovação, momento no qual você assinará a carta de cessão de direitos, a qual, juntamente com a textualização final, será entregue à pesquisadora. As devoluções desses materiais à pesquisadora, durante o processo, serão realizadas pelo meio mais adequado, a ser definido por você (e-mail, correios ou pessoalmente); e, caso haja custos de devolução, estes serão pagos pela pesquisadora. A entrevista será realizada com o auxílio de um roteiro de perguntas que poderá ser enviado com antecedência, mas outras questões poderão surgir ao longo da entrevista.

Como, de acordo com o referencial utilizado, da História Oral, é importante que o nome real da pessoa fique registrado, visando aspectos da sua individualidade e subjetividade, é muito relevante mantermos seu nome real, mas você ficará livre para aceitar (ou não) a inclusão do seu nome real na pesquisa, ficando também a seu critério indicar um codinome ou autorizar os responsáveis da pesquisa para criação deste codinome. Sua participação no desenvolvimento desta pesquisa será muito importante, tendo em vista que utilizamos a metodologia da História Oral para a produção de narrativas e constituição de fontes históricas, consistindo em um material para esta pesquisa e para pesquisas futuras, compondo parte da memória educacional do nosso país. Você terá uma oportunidade de narrar suas experiências com o CIC e contribuir com o aprofundamento dos debates das questões de gênero, em especial no campo da Educação Matemática. Os riscos de participação nessa pesquisa são mínimos, mas podem ocorrer, como

indisposição ou cansaço no momento da gravação ou durante a conferência dos documentos, pode ser que você fique emocionada ou expresse outros sentimentos ao fazer sua narrativa, sendo que, nestes casos, você poderá solicitar interrupção na gravação e retomar ou dar continuidade em outro momento, como for mais adequado. A você serão dadas informações sobre todos os procedimentos realizados antes, durante e depois da entrevista, que são: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, áudio da entrevista, transcrição da entrevista, textualização (texto editado) da entrevista e Carta de Cessão de direitos de uso da textualização em trabalho científico. Como as narrativas tratam de sua trajetória e sobre sua participação no CIC, mesmo que seu nome não seja citado, pode ocorrer que você seja identificada por alguém, pelos elementos presentes em sua narrativa. Para minimizar esses riscos - nos casos nos quais a participante não queira ser identificada - serão tomados os devidos cuidados de retirar marcas que possam identificá-la. Você terá acesso a todos os procedimentos realizados antes, durante e depois da entrevista, que são:

- O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, contendo todos os detalhes da pesquisa e que será entregue antes do início da gravação da entrevista;
- A transcrição da entrevista, que é o processo de transformar o áudio em texto escrito, contendo todas as hesitações, repetições e outros traços da oralidade;
- A textualização (texto editado), que será a versão a ser publicada na íntegra na tese. Neste texto, serão realizadas algumas alterações, retirando as hesitações, repetições e os traços da oralidade, mas, mantendo as características do entrevistado;
- A Carta de Cessão, que é o documento legal da concessão dos direitos de utilização e publicação do texto por você legitimado, bem como de áudios, imagens e documentos que você possa nos ter concedido para esta pesquisa, a qual só será assinada após o processo de conferência e adequações conforme suas solicitações. (Anexo).

Todos os passos anteriores serão autorizados por você, podendo a seu critério retirar o consentimento, sem qualquer prejuízo. Além disso, você não terá nenhuma despesa na realização desta pesquisa, bem como não terá despesas. Caso tenha alguma dúvida, poderá entrar em contato a qualquer momento com as responsáveis pela pesquisa (Prof.^a Assoc Maria Edneia Martins: _____, e-mail: maria.edneia@unesp.br; Leticia Caroline Garcia, _____, email:lc.garcia@unesp.br).

Cabe esclarecer que, de acordo com as normas vigentes (Lei nº 14874/2024, Resoluções 510/16 e 466/12), as pesquisas em Ciências Humanas e Sociais precisam ser registradas e aprovadas em órgãos reguladores pertencentes às faculdades, os chamados comitês de ética. O objetivo de tal exigência é garantir que essas pesquisas sejam feitas de modo a respeitar a integridade e a dignidade das pessoas participantes. O Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências da UNESP de Bauru possui escritório no Campus de Bauru da UNESP (Av. Engenheiro Luiz Edmundo Carrijo Coube, 14-01, Vargem Limpa, CEP 17033-360, Bauru, SP), e pode ser contatado através do telefone (14) 3103-9400, e

do e-mail <cepesquisa@fc.unesp.br>. A página deste Comitê na web pode ser acessada em <<http://www.fc.unesp.br/#/pesquisa/comite-de-etica/>>.

Desde já, agradeço a sua colaboração neste trabalho.

Este termo será assinado em duas vias, por vocês e pelas responsáveis pela pesquisa, ficando uma via em seu poder.

Li e concordo participar da pesquisa (X) SIM () NÃO

Sobre a minha identificação na textualização, autorizo a:

(X) USAR MEU NOME REAL

() CRIAR UM CODINOME) USAR O CODINOME

Data: 10 / 09 / 2025

Local: Bauru

Nome e assinatura da entrevistada

Documento assinado digitalmente
gov.br GIOVANNA DIAS CARDOSO

Giovanna Dias Cardoso

Nome e assinatura das pesquisadoras

Documento assinado digitalmente
gov.br MARIA EDNÉIA MARTINS

Maria Ednéia Martins

Documento assinado digitalmente
gov.br LETICIA CAROLINE GARCIA

Leticia Caroline Garcia

APÊNDICE F – Carta de cessão da Participante 1**Carta de Cessão dos Direitos**

Eu, **Raquel Barros Reis**, RG _____, declaro ceder à Leticia Caroline Garcia, RG _____ e Maria Ednéia Martins, RG _____, sem quaisquer restrições, os direitos sobre a gravação da entrevista que lhe concedi em 08/09/2025 com duração de **36 minutos** e, também, os direitos sobre a textualização (a mim apresentada e por mim conferida e validada) do referido registro oral.

São Carlos e 11/09/2025

Documento assinado digitalmente
gov.br RAQUEL BARROS REIS

Nome do entrevistado

APÊNDICE G – Carta de cessão da Participante 2

Carta de Cessão dos Direitos

Eu, **Giovanna Dias Cardoso**, , declaro ceder à Letícia Caroline Garcia, e Maria Ednéia Martins, RG , sem quaisquer restrições, os direitos sobre a gravação da entrevista que lhe concedi em **08/09/2025**, com duração de **35 minutos** e, também, os direitos sobre a textualização (a mim apresentada e por mim conferida e validada) do referido registro oral.

Bauru, 10 de Setembro de 2025

Documento assinado digitalmente
gov.br GIOVANNA DIAS CARDOSO

Giovanna Dias Cardoso